



XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA

Campo Mourão/PR, 7 a 10 de outubro de 2014.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS – TODAS AS PROPOSTAS APROVADAS

ST 1.

Gênero, História e Cultura

Coordenação: Ana Paula Vosne Martins (UFPR), Cleusa Gomes (Unila) e Nadia Maria Guariza (Unicentro-Irati)

Ementa: este simpósio propõe discutir a produção de pesquisas na área de História que desenvolvem o diálogo entre as categorias Gênero e Cultura. Serão bem vindas as comunicações de estudos que abordem gênero na literatura, nas artes plásticas, no cinema e nas mais variadas formas de expressão cultural.

Justificativa: as discussões de gênero floresceram no interior dos estudos feministas e nas últimas décadas têm demonstrado a sua vitalidade, com a criação de grupos de pesquisas e de revistas especializadas, provocando o desdobramento de suas discussões em torno de novas problemáticas como os estudos da teoria *queer*. Uma primeira geração de estudos estava preocupada com os discursos que normatizavam o comportamento feminino e masculino na sociedade. Tais estudos foram significativos no sentido de desvelar formas de dominação entre os gêneros. No entanto, os estudos recentes na área de gênero procuram dar maior visibilidade aos sujeitos analisando as produções das vozes até então pouco notadas ou silenciadas. Estes estudos mantêm um intenso diálogo com os estudos culturais, sobretudo empregando como fontes de análise o cinema, a literatura, as artes plásticas e as mais diversas produções culturais, sobretudo estudando as produções culturais femininas.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DONOVAN, Josephine. *Feminist Theory: The Intellectual Traditions*. New York/London: Continuum, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino americana**. Autentica,

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2003, p. 199-218.

JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: An Introduction*. New York: New York UP, 1996.

Lauretis, Teresa de (org.). *Feminist Studies, Critical Studies*. Basingstoke: Macmillan, 1986.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: EDUSC, 2005.

RORTY, Richard. Feminismo, ideologia e desconstrução: uma visão pragmática. In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. V. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica**. Bauru: EDUSC, 2003.

**

ST 2.

Mundos do Trabalho

Coordenação: Antônio de Pádua Bosi (Unioeste/Mal. Cândido Rondon), Rosângela Petuba (UEPG)

Ementa: Este simpósio está associado ao GT Mundos do Trabalho e visa acolher comunicações de pesquisas e estudos sobre o trabalho e os trabalhadores no campo e na cidade. Compreende-se como importantes para a história as experiências de trabalhadores desde o século XVIII, constitutivas de culturas e práticas sociais inscritas em relações de força, de resistência e subalternidade. Entende-se como práticas sociais,

principalmente, lutas e estratégias políticas tecidas pelos trabalhadores, numa ampla escala formada por ações institucionalizadas como as ações sindical, partidária, associativa, e por ações não institucionalizadas, como motins, quebra-quebra e diversos movimentos de protesto.

Justificativa: Os estudos e pesquisas sobre Mundos do Trabalho têm aumentado nos últimos anos, ora fortalecendo ora problematizando áreas inteiras de participação dos trabalhadores na história do Paraná e do Brasil. Tal produção historiográfica cobre a presença de trabalhadores no campo e na cidade, propondo perguntas e interpretações a partir de experiências ligadas à pobreza, exclusão, degradação física e mental, rebeldia e luta social, cuja força e relevância possibilitam questionar por inteiro a lógica histórica oficial. A julgar isso fundamental em nosso campo, a ANPUH Regional torna-se excelente lugar para uma reunião de estudos e pesquisadores com esse interesse.

Referências:

BEYNON, Huw. “A destruição da classe operária inglesa?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 10, nº 27, fev. 1995. p. 5-17.

BURAWOY, Michael. *The Politics of Production: Factory Regimes under Capitalism and Socialism*. 3º ed., London: Verso, 1990.

ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Operária Inglesa*. 2ª Ed., São Paulo: Global Editora, 1988.

EPSTEIN, S.R. Craft Guilds, Apprenticeship and Technological Change in Preindustrial Europe. *The Journal of Economic History*. Cambridge, Vol. 58, No. 3, p.684-713, 1998.

FRIEDMAN, Georges. *O trabalho em migalhas*. Especialização e Lazer. 2º ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

GRAMSCI, Antônio. “Americanismo e Fordismo”. In *Obras Escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.311-339.

LINHART, Robert. *Greve na Fábrica*. São Paulo: Marco Zero, 1983.

MARX, Karl. *O Capital, Livro 1, Tomo 1*, 3ª ed., São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PAOLI, M.C. et all. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 6, p. 130, 1983.

SARLO, Beatriz. *Tiempo Presente. Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2001.

SORJ et al. *Camponeses e Agroindústria*. Transformação social e representação política na avicultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3 volumes. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A Miséria da Teoria*. Ou um planetário de erros. Editado por Copyleft, 2009.

_____. “Socialist Humanism: An Epistle to the Philistines”, In: *The New Reasoner*, London, nº1, Summer, 1957, pp.105-143.

_____. “Agency and Choise – I. A Reply to Criticism”, In: *The New Reasoner*, London, nº5, Summer, 1958, pp.89-106.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. *Tragédia Moderna*. São Paulo: Cozac Naify, 2011.

**

ST 3

História da Educação: objetos, fontes, teoria e metodologia

Coordenação: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior (UFPR), Prof.^a Dr.^a Evelyn de Almeida Orlando (PUCPR)

Ementa: A História da Educação, enquanto campo de estudos acadêmicos, preocupa-se em identificar e analisar processos históricos de aprendizagem, tanto em ambientes escolares quanto não escolares. Busca interfaces da pesquisa histórica com as relações sociais, políticas, de gênero, religiosas, étnicas e de diversidade cultural, valorizando a organização, apresentação e leitura crítica de acervos e patrimônios educacionais, assim como sua conseqüente interpretação enquanto dispositivos de memória. Das ideias pedagógicas aos processos catequéticos, da elitização da escola às lutas e dilemas da universalização do ensino, o presente simpósio temático tem por intenção congregar trabalhos resultantes de dissertações, teses e pesquisas acadêmicas em geral, concluídas ou em andamento, que se situem nos domínios dos objetos, das fontes, da teoria e da metodologia concernentes à História da Educação.

Justificativa: Resultado de um esforço conjunto de pesquisadores que se dedicam ao estudo da História da Educação em linhas de pós-graduação no Paraná – História e Historiografia da Educação (UFPR) e História e Políticas da Educação (PUCPR) – o presente simpósio temático reflete a crescente produção que vem sendo engendrada nos programas nacionais de *latu senso* em História e em Educação. A quantidade de trabalhos apresentados tanto em âmbito local quanto internacional aponta para a necessidade da realização, no Encontro Regional de História da ANPUH-PR, de um seminário temático próprio, possibilitando, além da congregação de pesquisas com afinidades temáticas óbvias, a criação de um grupo de trabalho institucional que proponha atividades tanto no estado quanto nos simpósios nacionais da ANPUH.

Referências:

EDUCAR EM REVISTA. Dossiê História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. Curitiba, n. 18, 2001 (p. 13-182). Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/issue/view/241>>. Acesso em 1.º mar. 2014.

FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3.ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PETITAT, André. *Produção da escola, produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. 2 – Século XIX. 2.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. 1 – Séculos XVI-XVIII. 5.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. 3 – Século XX. 3.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)*. Curitiba: UFPR, 2007.

**

ST 4.

Aprendizado histórico: articulações entre pesquisa e ensino

Coordenação: Isabel Cristina Rodrigues (UEM), Márcia Elisa Teté Ramos (UEL)

Ementa: Discutir o ensino e aprendizado histórico considerando-o como campo investigativo fundamentado quanto ao aspecto teórico e metodológico. Partindo deste eixo, pretende abarcar reflexões mobilizadas a partir dos cursos de graduação (como, por exemplo, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID), pós-graduação e atualização (por exemplo, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE), envolvendo profissionais da história, ou seja, professor e/ou pesquisador da área.

Justificativa: Em especial na última década, tem se formado no Brasil, o campo investigativo relativo ao ensino e aprendizado histórico. Diferente de outros momentos, os estudos que hoje se realizam não se pautam em opiniões, impressões ou relatos de experiência. Para Ernesta Zamboni, o ensino de história da década de 70 movia-se mais na perspectiva de relatos de experiências sem muita sustentação teórica. Devido ao próprio contexto do que se chama de “redemocratização”, na década de 80 predomina o discurso educacional sociopolítico, a crítica à ideologia presente no livro didático, a reivindicação de um currículo escolar inclusivo em relação ao negro, ao indígena, à mulher (ZAMBONI, 2005, p. 38). Na década de 90 buscaram-se novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente, introduzindo-se questões relacionadas à “cultura escolar”. Baseando-se especialmente em André Chervel (1990), os sujeitos escolares, professores e alunos, passaram a ser vistos como agentes, como construtores de conhecimento, e não como meros reflexos de reprodução de saberes construídos em outras esferas (currículo, livro didático, universidade, mídias, etc.). A partir desta concepção “construtivista”, as pesquisas no campo do ensino de história se

abriram para problemáticas referentes ao modo de como se constrói o conhecimento histórico e sala de aula.

Enquanto que a pergunta-base nas pesquisas mais tradicionais sobre ensino de história se centravam em como motivar alunos para a aprendizagem de história, ou como utilizar estratégias/recursos didáticos para atingir bons resultados, ou ainda, quais as atividades didático-pedagógicas de um ensino de história de sucesso, a problemática posta pelas novas vertentes do campo corre no sentido de responder sobre como os alunos compreendem a história, e mais: sobre para que serve aprender história, qual a função social do ensino de história. Embutidas nesta questão estão outras: para saber como os alunos aprendem história, preciso partir dos saberes que este já tem sobre história; preciso saber também dos saberes que os professores de história apresentam (saberes históricos, pedagógicos e experienciais) e é necessário saber qual o significado que os alunos e professores de história dão para o conhecimento histórico (O que é? Para que serve? É importante ou não?).

Este tipo de investigação independe de suas abordagens, mas parte de uma “observação sistemática do real”, não se centrando nos “formalismos e recursos da aula”, embora estes sejam também importantes, mas nas “ideias históricas de quem aprende e ensina” (BARCA, 2008, p. 24). Para Isabel Barca, os pesquisadores têm buscado princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História. A intervenção na qualidade das aprendizagens exige um conhecimento fundamentado, um enquadramento teórico que respeite a epistemologia da História, (BARCA, 2005, p. 15), embora a interdisciplinaridade com outras áreas, como a Educação, seja pertinente. Também se considera que “os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de História, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes...” (RÜSEN, 2007, p. 91), e, desta forma se subentende que o aluno e o professor dominam saberes históricos provindos de múltiplas esferas sociais, não necessariamente circulantes apenas nas instituições educacionais, o que implica no estudo sobre a aprendizagem histórica ou formação histórica, para além da escola.

Assim o interesse é o de discutir temas como: ensino de história; educação histórica; aprendizado histórico; construção do saber histórico escolar; história da disciplina de História (escolar ou acadêmica); estágio de História; ensino de História extraescolar; currículo de História (escolar ou acadêmico); cognição histórica; formação do professor de História; livro didático de história e experiências no ensino e aprendizado histórico desde que fundamentadas. Quanto às experiências fundamentadas, vale lembrar que atualmente as práticas docentes também se articulam com o princípio investigativo (BARCA, 2004), em que o PIBID e o PDE são exemplos notáveis.

Referências:

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In BARCA, Isabel (Org.). *Para uma educação de qualidade*. Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho. 2004.

BARCA, Isabel. *Educação histórica: uma nova área de investigação*. In: ARIAS NETO, José Miguel (Org.) Dez anos de pesquisa em ensino de História. Londrina: AtritoArt. 2005.

BARCA, Isabel. *Investigação em Educação Histórica: fundamentos, percursos e perspectivas*. In OLIVERIA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa;

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. (Org.). *Ensino de história: múltiplos ensinos em múltiplos espaços*. Natal, RN: EDFURN, 2008.

CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”. *Teoria & Educação*, n° 2, 1990, pp.177-229.

ZAMBONI, Ernesta. Encontros nacionais de pesquisadores de história – perspectivas In ARIAS NETO, José Miguel. (Org.). *Dez anos de pesquisas em ensino de história*. VI Encontro Nacional de pesquisadores de Ensino de História. Londrina: AtritoArt, 2005.

**

ST 5.

Didática da História e democracia: caminhos de um campo de pesquisa

Coordenação: Luis Fernando Cerri (UEPG), Caroline Pacievitch (Unicamp)

Ementa: A didática da histórica como campo de pesquisa que articula as necessidades sociais de orientação no tempo. Ensino e aprendizagem histórica na escola, no patrimônio histórico e nos meios de comunicação de massa. Discussão crítica dos objetivos e metodologias do ensino em função dos valores democráticos. Análise de experiências e propostas de ensino e aprendizagem.

Justificativa: Espaços como museus, arquivos, cinemas, teatros e as escolas, utilizam, produzem e divulgam conhecimentos históricos conforme seus objetivos. Em consequência, entendemos a didática da história, com Jörn Rüsen (2001) como a parte da teoria da história que descreve, compreende, analisa e propõe como o conhecimento histórico é produzido e circula socialmente.

Para Klaus Bergman (1989/1990), a contribuição direta da didática da história para a história escolar reside em três dimensões: explorar o que de fato se aprende no ensino de história, verificar o que pode ser aprendido e pensar o que deveria ser ensinado. Ele chama cada uma destas dimensões de empírica, reflexiva e normativa. Bergman (89/90) acrescenta que a didática da história deve ser um instrumental metodológico e teórico para refletir sobre os processos de constituição da consciência histórica, sumariamente definida como a atribuição de sentido ao tempo pelos sujeitos.

Assim, este Simpósio Temático está aberto a todos que se dedicam a pesquisar a produção, circulação e apropriação de conhecimento histórico nos mais diversos meios sociais, principalmente o escolar. Isso inclui os interessados nos processos que envolvem consciência histórica; na construção de identidades históricas; em memória e patrimônio; nos currículos e políticas públicas para o ensino de história; na formação de professores de história; em linguagens e fontes para o ensino de história; experiências didáticas, entre outros.

O crescimento da produção acadêmica na área de didática da história (ou ensino de história, ou educação histórica) mostra a efetiva busca por soluções – produzidas no diálogo entre Universidade e escola – para situações frequentemente assinaladas como problemas: a dicotomia entre a história acadêmica e a história escolar, o afastamento dos historiadores dos problemas práticos que envolvem a orientação temporal no presente e a busca de saídas racionais para o desejo emancipador que perpassa a disciplina da História nas escolas (Cerri, 2011, p.65):

a Didática da História não pode ser mais o conjunto de teorias e métodos voltados ao ensino, mas precisa ser uma teoria da aprendizagem histórica, superando, se quiser responder aos desafios contemporâneos, o campo restrito da metodologia de ensino.

Nossa intenção é que o simpósio temático seja um espaço de debate sobre a produção de conhecimentos didáticos sobre a história e de interpretação coletiva de seus usos e significados.

Tendo em conta que o ensino escolar e extraescolar de História nos estados nacionais modernos tem como tradição o objetivo de formar cidadãos, e tendo em conta ainda que a contemporaneidade exige a discussão cotidiana do que é o cidadão e como formá-lo para enfrentar os dilemas da sociedade em que se insere, justifica-se a oportunidade de discutir o tema no contexto da reflexão sobre a democracia e seu outro, as perspectivas de apatia política ou engajamento ativo em projetos autoritários.

Referências:

BERGMAN, Klaus. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.9, n.19, p. 29-42, set. 1989/fev. 1990.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica** – Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estêvão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UNB, 2001.

**

ST 6.

Diálogos entre memória e história: repressão e militância política no transcurso da ditadura civil-militar brasileira (1964 - 1985) em suas diversas fontes, abordagens e perspectivas de investigação.

Coordenação: Prof. Dr. Jose Jorge Andrade Damasceno (UNEB – Campus II), Profa. Dra. Sandra Regina Barbosa da Silva Souza (UFBA)

Ementa: Este simpósio temático acolhe uma ampla diversidade de abordagens referentes a instituição militar no Brasil, a partir de suas intervenções na política, particularmente a respeito do regime autoritário instaurado em março de 1964. A proposta deste simpósio é reunir estudantes e pesquisadores que tem investigado a ditadura civil-militar brasileira em seus aspectos de construção e reconstrução da memória social, as estratégias de sobrevivências cotidianas em diversos espaços sociais, sobretudo da resistência armada.

Sendo assim, interessa a discussão acerca de múltiplos aspectos da repressão e da resistência a ditadura civil militar brasileira, significados da memória, implicados no ato de lembrar, esquecer e a sua relação com a história. Nesse sentido, reúne trabalhos voltados à compreensão das relações de poder e resistência, poder e anticomunismo em espaços sociais e culturais amplos, por exemplo, cultura política de esquerda e de direita, comunismo, anticomunismo, enquadramentos e silêncios, implicados no regime ditatorial brasileiro dos anos 1960 e 1970. Por fim, serão contemplados, também trabalhos que discutam as batalhas de memória, e as “lutas de representações”, em torno da ditadura civil-militar, de seus ditos e silêncios, a partir das mais variadas fontes como jornais, revistas, musicas, teatro, publicidade, iconografias, biografias, obras literárias, charges, arquivos da repressão, historia oral e memória, imagens, programas de radio e televisão, penando também a imprensa, literatura e o cinema como espaço privilegiado de observação, enquanto posicionamento crítico ou “colaboracionista”.

Justificativa: Em tempos de Comissão Nacional da Verdade refletiremos sobre as relações de repressão e resistência, memória e tempo presente a partir de diversas fontes históricas e as mais variadas temáticas no campo de pesquisas da ditadura civil militar brasileira (1964-1985). Nesse sentido, a possibilidade do manuseio e análise de amplo volume documental e temático acerca deste período da historia política brasileira que este ano completa 50 anos de seu inicio, terá relevância acadêmica e social, a medida que ampliará o corpus historiográfico sobre o tema.

Tais pesquisas contribuem fundamentalmente no sentido de evitar os esquecimentos de um tempo marcado por disputas por diversos projetos políticos, mas também possui a importante tarefa de contribuir para estimular os debates sobre a história do tempo presente na História do Brasil.

A nossa proposta, que dialoga com campos investigativos presentes no campo historiográfico contemporâneo – do político e da memória –, evidencia sentimentos, sensibilidades e paixões nas ações políticas, e na memória individual e coletiva. As questões colocadas podem ser compreendidas, a partir de autores como Maurice Halbwachs, Michel Pollack, Pierre Nora, Roger Chartier e Paul Ricoeur, entre outros.

Referências:

BRESCIANI, S., NAXARA, M. (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp [1ª ed. 2001].

CARDOSO, Lucileide. *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)*. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

FICO, Carlos. *Alem do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula; GRIN, Monica (org.). *Violência na história: memória, trauma e reparação*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

HUYSSSEN, Andreas. *Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público*. Porto Alegre: 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1968.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques (1992). *História e Memória*, Campinas: Edunicamp, 1992.

LEME, Caroline Gomes. *Ditadura em imagem e som: trinta anos de produções cinematográficas sobre o regime militar brasileiro*. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLACK, Michael (1989). “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC.

POLLACK, Michael (1992). “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, N. 10. Rio de Janeiro, CPDOC.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; Motta, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

REIS, Daniel Aaraó; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo UNESP, 1993

RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2008.

SARLO, Beatriz. “Crítica do testemunho”. In. SARLO. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. BH: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: ed. Da UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.

SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. *Ousar lutar, ousar vencer: histórias da luta armada em Salvador (1969-1964)*. Salvador: EDUFBA, 2013.

SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. *Os sete matizes do rosa ou o mundo contaminado pela radiação comunista: homens vermelhos e inocentes úteis*. Tese de Doutorado em História Social. PPGH/UFBA. Salvador, 2009.

TAMAS, Elizabety Fernandes Basílio. *A Tortura em questão: A disputa de memórias entre militares e militantes*. Tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade católica de São Paulo, PUC –SP, 2009.

TODOROV, T. *Memórias do mal, tentações do bem: indagações sobre o século XX*, São Paulo: Arx, 2002.

**

ST 7.

Fronteiras: discursos e sujeitos em transgressões

Coordenação: Dr. José Carlos dos Santos (Unioeste/Cascavel); Dr. Samuel Klauck (Unioeste/Foz do Iguaçu)

Ementa: O termo fronteira é um termo plurissignificativo. Há muitas narrativas que fizeram uso para delimitar geograficamente os Estados Nacionais; há outras que

falavam dos limites linguísticos das ciências humanas e sociais; é ainda recente o uso para distinguir etnias, etc. Os usos deste termo seguiu os preceitos de uma modernidade racionalizante, dividindo, separando, identificando, fortalecendo o “eu” criado pelas imaginações científicas que predominou neste período histórico.

O STs terá como foco discussões a cerca destas múltiplas experiências empíricas e discursivas sobre a fronteirização, identificando sujeitos e ou discursos e sua situação político/histórica de emissão.

Justificativa: Empiricamente, quando voltamos os olhos para além das fantasmagorias, percebemos outras experiências. Outros atores corroboram, destroem, reconstroem ou simplesmente ignoram estas imagens modernas. Muitos são os atores sociais que perambulam por dentre territorialidades dos Estados, de uma nação e parecem jogar com as identidades imaginadas. Em Fóz do Iguaçu – região de Triplice Fronteira – os sujeitos se reconstroem nesta bojo multicultural. Fala-se muitas línguas; intercambiam-se adornos, alimentação, bebidas, crenças. Nestes circuitos culturais, confrontam-se múltiplos saberes (Sousa Santos) e experiências micro históricas dão sentido ao cotidiano (Ginzburg).

Se considerarmos as múltiplas fronteiras de Estados Nacionais com o Brasil, a territorialidade dos usos e estratégias dos sujeitos se expandem infinitamente. Consideremos que o Brasil confronta-se com a Guiana Francesa estado do Amapá; com o Suriname no estado do Amapá e no Pará; com a Guiana no estado do Pará e Roraima; com a Venezuela em Roraima e Amazonas; com a Colômbia no território do estado do Amazonas; com o Peru no Amazonas e Acre; com a Bolívia no Acre, em Rondônia, no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul; no Paraguai: na fronteira de Mato Grosso do Sul e do Paraná; da Argentina: no Paraná (293 km), Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e Uruguai, totalmente com o Rio Grande do Sul.

No total são 15.179 km de fronteira com outros países latino americanos (IBGE, 2010). Se olharmos desde cima, uma chamada cultura latina irá afirmar que

todas as práticas linguísticas se alimentam de uma espécie de único "amor à língua", que não é dirigido à norma do livro-texto, nem a um dado uso particular daquela, mas sim à "língua mãe", isto é, ao ideal de uma origem comum projetada em um passado distante, anterior aos processos de aprendizagem e formas especializadas de uso, o qual por esse mesmo motivo se torna a metáfora do amor que seus companheiros nacionais sentem um pelo outro (Balibar: 1996, p. 142).

Tal discurso adviria da fantasmagoria dos Estados Nacionais e de uma pretensa identidade latino-americana. Porém, como lembrado por Michel de Certeau apontou como grande sinal de crise na história, o próprio método utilizado para descrevê-la. A concepção de “regional”, como acima definido nada mais significa que relacionar as partes com o seu todo, as unidades de um sistema. A micro história, proposto no auge dos *Annales*, foi um caminho sugestivo para a fuga deste tipo de percalços da produção do conhecimento histórico. Relacionar ou descrever os sentidos locais como parte de um sistema é ainda buscar modelos excessivamente centrados nas estruturas ou na perspectiva global, quase sempre “sobrepondo o todo nas partes”.

Uma análise micro histórica se opõem á perspectiva do global. Segundo Sandra Pesavento, “a micro-história [...] busca ver no local uma porta de entrada ou janela para resgatar o universal e se propõe, como linha de frente a atacar, exatamente o resgate desta articulação entre o todo e a parte”. A autora entende que “é no nível micro que se surpreendem melhor os fenômenos mais gerais” (2000, p.232). Não que se olhe o particular como reflexo senão como também aberto ao inusitado.

Jacques Revel, refutando o argumento de que o micro perde a significância em relação ao geral e, inclusive comprometeria o trabalho do historiador que sempre esteve ligado à longa duração, às dimensões estruturais e até mesmo do inconsciente, afirmou: “Os trabalhos dos micro-historiadores exibem deliberadamente uma dimensão experimental” (Revel, 2000, p. 20). Com isto afirmou, em concordância com Ginzburg (1989), que a micro-história é um trabalho exaustivo da busca pela documentação, seja ela de qual natureza for. Neste aspecto é pertinente lembrar as palavras de Vainfas: “(...) a narrativa na micro-história (...) demonstram as fronteiras que separam da narrativa ficcional, uma vez que, apesar da dimensão conjectural e intuitiva presente nesses textos, eles sempre resultam de pesquisa documentais e reconstroem tramas históricas muito concretas (2002:125). Nesta perspectiva de experimental, acredita-se que a vivência na comunidade – seja através do prévio conhecimento e dos bolsistas que fazem parte da vida comunitária – a pesquisa documental não se restrinja ao oficioso e sim, aquilo que é possível perceber, sentir, perguntar e ver no dia a dia.

A proposta do STs é aceitar pesquisas sobre estas representações sobre fronteiras enfocando o fazer de sujeitos por entre fronteiras.

Referências:

BALIBAR, Etienne. 1996. "The nation form: history and ideology", em ELEY, Geoff & SUNY, Ronald Grigor (eds.). *Becoming national*. New York, Oxford University Press. p. 132-49

GINZBURG, Carlo: *O inquisidor como antropólogo: Uma analogia e as suas implicações*: in *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão.

HELLER, A. *Cotidiano e história*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo

PRIORE, Mary Del (org.). *Revisão do paraíso — Os brasileiros e o Estado em 500 anos de História*. Rio de Janeiro, Campus, 2000.

RECKZIEGEL, A. L. S. *História regional: dimensões teórico conceituais*. História Debates e Tendências, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 15-22, jun. 1999.

SAHLINS, P. Repensando Boundaries. In: GRIMSON, A. (Org.). *Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro*. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Semear outras soluções – os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, José Carlos. *Unir e Separar – a escrita historiográfica como ensaio de micro-história*. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo: Campus, 2002.

**

ST 8.

Experiência, Tempo e Narrativa

Coordenação: Hélio Sochodolak (Unicentro/Irati); José Miguel Arias Neto (UEL)

Ementa: Experiência, tempo e narrativa nos processos de construção sócio-identitárias na contemporaneidade.

Justificativa: Este Simpósio tem como problemática a discussão das relações entre experiência, tempo e narrativa. Fundamenta-se, esta proposta, nas formulações de Walter Benjamin, Siegfried Kracauer dentre outros, que concebem a fundação da modernidade como processo de ruptura em relação a um passado em que tempo, experiência e narrativa não se desvinculavam de um processo de vida e do narrar esta vida. Através desta narrativa os mais velhos estariam transmitindo às novas gerações

não apenas lembranças, mas aquilo que Benjamin denomina sabedoria, isto é, uma experiência vivenciada que configura um dos fios com que se tece o futuro.

A irrupção da modernidade provoca, como já dito, uma ruptura, promovendo o surgimento de novas formas de representação, de narração e de percepção com o desenvolvimento de novas tecnologias de reprodução de imagens e de sons: a fotografia e o cinema.

Estas novas tecnologias não apenas promovem a massificação das artes clássicas, como por exemplo, a pintura, mas também criam elas próprias novas formas de arte e de representação: a fotografia não é apenas uma reprodução do real tal qual ele é, mas é seleção, fragmentação; o cinema transmite uma ideia, uma representação através de uma sequência de imagens produzidas através da câmera que realiza a mediação da relação ator-público. Ambas as formas surgem produzindo uma arte reproduzível. Estas novas formas seduzem as massas, pois reproduzem na matematização dos movimentos, na disciplinarização dos corpos, nos espetáculos das *tillersgirls* e nos estádios a nova dinâmica cultural do capitalismo em consolidação.

Assim este simpósio acolhe pesquisas que busquem compreender experiências socioculturais vivenciadas pelos vários grupos sociais mediadas pelos processos tecnológicos contemporâneos, bem como suas narrativas: memórias de povos tradicionais e grupos urbanos, discursos e representações produzidos pelas mídias impressas e não impressas, produção cinematográfica e fotográfica contemporâneas que remetam a processos de construção sócio-identitárias na contemporaneidade.

Referências:

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 113-156.

ARENDT, Hannah. A questão social. In *Da revolução*. São Paulo: Ática, 1990, p.47-91.

BARROS, Lann Mendes. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino americanas. In: JACKS, Nilda et. al. *Mediação & Midiatização*. Salvador : EDUFBA ; Brasília : Compós, 2012, p. 79-106.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 9-40.

BOURDIEU, Pierre e BOURDIEU, Marie-Claire. "O camponês e a fotografia", in Revista de Sociologia e Política, 26, p. 31-39, 2006.

BOURDIEU, Pierre e outros. *Un art moyen: essai sur lesd usages sociaux de la photographie*. Paris: Éditions de Minuit, 1965.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, RS: Zouk, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MAIA, Rousiley. Mídia e vida pública: modos de abordagem. In MAIA, Rousiley et. al. *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006, p. 11-46.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

**

ST 9.

Direitas, História e Memória

Coordenação: Dr. Gilberto Calil (Unioeste, Mal. Cândido Rondon), Dr. Leandro Gonçalves (PUCRS).

Ementa: O Simpósio Temático "Direitas, História e Memória" visa reunir pesquisadores, a partir de uma pluralidade temática e teórica, em torno do estudo das Direitas, tomando-as enquanto objeto de reflexão historiográfica e categoria analítica. É no contexto das revoluções burguesas que as bases materiais da modernidade capitalista foram estabelecidas, e com elas, estruturas, discursos e parâmetros da política. As questões em torno da ampliação da cidadania (tema da igualdade), da definição dos limites dos direitos individuais e coletivos (tema da liberdade) e da posição em relação à sociedade capitalista dividem os indivíduos, as ideologias e os grupos políticos desde a Revolução Francesa, momento fundador da dicotomia esquerda/direita. Desde então, o conceito e a atuação da direita política foram ampliados e redimensionados, possibilitando o surgimento de diferentes perspectivas políticas, grupos, partidos e governos em seu entorno, compondo o amplo e diverso campo das direitas que focalizamos aqui. A proposta, inserida no grupo de pesquisa CNPq e no recém-criado Grupo de Trabalho da ANPUH "Direitas, História e Memória", tem como intenção reunir pesquisas que debatam as relações entre memória e história no contexto das práticas autoritárias no campo da direita radical, englobando neste prisma desde os partidos conservadores tradicionais até os diferentes grupos de extrema-direita do século XX e XXI. Interessa igualmente pensar a dinâmica de preparação do Golpe de Estado,

de sustentação política da ditadura e de funcionamento dos aparatos repressivos nela criados ou ampliados.

Justificativa: Considerando a atualidade e o ganho de importância das pesquisas no Brasil sobre o tema, percebe-se a necessidade de um espaço de debates que promova a valorização das diferentes concepções analíticas e das produções recentes acerca das Direitas, enriquecendo a reflexão sobre o tema no ensino de História e na prática de pesquisa. Estimular um diálogo amplo e interdisciplinar acerca das Direitas é o principal objetivo do Simpósio Temático, cujo escopo valorizará as perspectivas transregional e transnacional dos estudos, as práticas políticas, econômicas e culturais, os atores sociais e as redes constituídas no processo histórico. Dessa forma, este seminário se propõe um espaço de discussão sobre as Direitas e os estudos que as cercam em suas diferentes dimensões e perspectivas teóricas e analíticas. Nos últimos anos, a historiografia passou a dedicar mais atenção a este importante tema da política e realizou decisivos aportes às discussões de sociólogos e cientistas políticos sobre os partidos conservadores, sobre o fascismo, o nacional-socialismo, o integralismo, além de diversos movimentos autoritários e dos grupos e movimentos que deram sustentação e apoio às ditaduras latino-americanas do século XX. Essa contribuição foi decisiva para inserir estes temas na longa duração da política na modernidade, bem como para se estabelecer a dinâmica histórica destes temas na curta duração. Em função disso, percebe-se a necessidade de se estabelecer um espaço acadêmico no qual o debate promova a valorização das diferentes concepções analíticas e as produções recentes, enriquecendo a reflexão sobre o tema no ensino de História nas universidades, na prática da pesquisa acadêmica e na difusão de seus resultados nos periódicos e nos congressos científicos. Além dos debates acerca do conceito de Direita e de suas famílias e expressões constituintes, pretende-se que o Simpósio Temático, vinculado ao Grupo de Pesquisa “Direitas, História e Memória”, venha a contribuir com reflexões e proposições nos âmbitos teórico e metodológico da historiografia e das ciências humanas e sociais, possibilitando, assim, perspectivas e possibilidades de pesquisas inter-relacionais e comparativas. Compreenderemos, portanto, não somente objetos, fenômenos e expressões datadas, mas também análises intercambiáveis entre diversas pesquisas e abordagens que possam vir a integrar o corpus do grupo de trabalho em questão. Conta-se ainda com a possibilidade, através da realização do Simpósio Temático, de integração dos atuais membros e de acolhimento de pesquisadores interessados em se vincular ao Grupo de Pesquisa, que conta com mais de 40 pesquisadores de diferentes instituições acadêmicas do Brasil, Portugal, França, Hungria, Espanha, México, Argentina e Uruguai.

Referências:

ATKIN, Nicholas; BIDDISS, Michael (Ed.). *Themes in Modern European History, 1890-1945*. New York: Routledge, 2009.

CALIL, Gilberto. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a trajetória do Partido de Representação Popular, 1945-1965*. Cascavel: Edunioeste, 2010.

DARD, Olivier; GRUNEWALD, Michel (Dir.). *Charles Maurras et l'étranger et Charles Maurras: L'Action française – culture, politique, société II*. Berne: Peter Lang, 2009.

DREIFUSS, René. *1964: a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classes. Petrópolis, Vozes, 1981.

- DREIFUSS, René. *O jogo da direita*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1989.
- EATWELL, Roger; LARSEN, Stein U. (Ed.). *Charisma and Fascism in Interwar Europe*. London: Routledge, 2007.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, 2v
- LIEBEL, Vinícius. *Politische Karikaturen und die Grenzen des Humors und der Gewalt*. Opladen: Budrich Unipress, 2011.
- LOFF, Manuel. *O nosso século é fascista*. Porto, Campo das Letras, 2008.
- MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; PINTO, António Costa (Org.). *O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá; ABREU, Luciano Aronne de. (Org.). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: EDIPUCRS; FGV, 2013.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.
- PADRÓS, Enrique (Org.) *Cone Sul em tempos de ditadura: reflexões e debates sobre a história recente*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- PAXTON, Robert. *Anatomia do fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- PINTO, António Costa. *Rethinking the nature of fascism: comparative perspectives*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- PINTO, António Costa. *Ruling elites and decision-making in fascist-era dictatorships*. New York: Social Science Monographs, 2009.
- REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, M; MOTTA, Rodrigo P Sá (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, S. V. (Org.). *A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 3v.
- SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal*. Cascavel: Edunioeste, 2009.
- TAGUIEFF, Pierre-André. *L'imaginaire du complot mondial: aspects d'un mythe moderne*. Paris: Éditions Mille et Une Nuits, 2006.
- TOLEDO, Caio Navarro (org) *1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- VINYES, Ricard. *Asalto a la memoria: impunidades y reconciliaciones, símbolos y éticas*. Barcelona, 2010.
- WINOCK, Michel. *La droite depuis 1789*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

ST 10.

Cultura, Política e Sociedade

Coordenação: Prof. Dr. Fábio Ruela de Oliveira (Unicentro/Guarapuava); Prof. Dr. Hélvio Alexandre Mariano (Unicentro/Guarapuava)

Ementa: Os estudos sobre Cultura e Política podem ser considerados pilares do saber histórico. E isto não ocorre aleatoriamente, pois tais temas estão identificados com o processo de formação do conhecimento histórico durante o século XX. A história produzida no último século desvendou a íntima relação da cultura nos processos políticos e vice-versa. Assim, muitos outros temas se relacionam a cultura e política, tais quais: a história dos golpes, revoluções, ditaduras e democracias no Brasil e América Latina; as trajetórias, engajamentos e exílios de intelectuais e artistas; história da imprensa e outros meios de comunicação e ideologia; e finalmente estudos de arte, música, literatura, teatro, cinema e crítica cultural. Desta forma, para interpretar a contemporaneidade, os processos que vivemos e os conflitos que ora surgem, é preciso se dedicar cada vez mais a este emaranhado de saberes que envolvem formas singulares de viver e agir, de pensamentos políticos e de manifestações culturais e políticas. Este “Simpósio Temático – Cultura, Política e Sociedade” propõe reunir estudiosos e pesquisadores destes temas, e pretende promover o debate, a interação e a socialização entre os projetos e pesquisas em desenvolvimento neste campo de estudos da história.

Referências:

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric. *Tempos fraturados*. Paulo: Cia das Letras, 2013.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. *Cultura e resistência*. Entrevista a David Barsamian. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Política do Modernismo: contra os novos conformistas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIANS, Raymond. Os usos da teoria da cultura. *Revista Margem Esquerda*, Rio de Janeiro: Boitempo, v. 9, 2007.

**

ST 11.

História Intelectual e História de Intelectuais: reflexões, perspectivas, problemas

Coordenação: Erivan Cassiano Karvat (PPGH/UEPG), Valeria Floriano Machado (DTFE/UFPR).

Ementa: Este Simpósio Temático intenciona congrega trabalhos que tenham como foco a História Intelectual e/ou a História de Intelectuais, seja discutindo questões de âmbito teórico-metodológico, seja apresentado resultados e/ou possibilidades de pesquisas.

Justificativa: Vê-se o crescimento significativo da produção – regional – em torno da História Intelectual (em suas diferentes perspectivas), bem como da chamada História de Intelectuais. Diante desta expansão – que acompanha, de maneira em geral, um debate bem mais amplo da produção historiográfica, cremos ser necessário um espaço de discussão – dentro dos Encontros Regionais de História – que possibilite o contato e o diálogo entre as diferentes propostas e produções. Assim, como já fizemos nos Encontros regionais de 2010 e 2012, novamente buscamos, através da constituição deste Simpósio, propiciar este espaço de interação/ integração e debate dos estudiosos envolvidos nas questões em torno da produção intelectual e de idéias e seus desdobramentos (autoria, trajetórias, transferências, apropriações/recepção, etc).

Referências:

ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de história intelectual. *Tempo social*, v. 19, n. 1, p. 9-17. jun 2007,

KARVAT, E. C. ; MACHADO, Valeria Floriano. Intelectuais, um conceito: observações sobre uma categoria sociológica (e histórica) escorregadia. In: *Anais do II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades*. Ponta Grossa: Aos Quatro Ventos, 2011. p. 447-463.

LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MACHADO, Valeria Floriano ; KARVAT, E. C. . Geração e Intelectuais: reflexões em torno do 'problema das gerações' e a história intelectual. In: *Anais do XIII Encontro Estadual de História-2012*, Londrina. ANPUH-PR, 2012. v. 2. p. 938-948.

MACHADO, Valeria Floriano ; KARVAT, E. C. . Sobre as (difícil) relações entre intelectuais, ideias e periferias ou o que se quer dizer quando falamos em produção intelectual e/ou circulação de ideias em espaços não consagrados. *Anais do I Congresso Internacional de História Unicentro/UEPG*, 2013. Irati: Unicentro, 2013.

SILVA, Helenice Rodrigues da. História intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis. In. *Fragments da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002. p. 11-27.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. Rémond, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

**

ST 12.

História, grandes projetos e Meio Ambiente

Coordenação: Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva (UFFS), Prof. Dr. Cesar Augusto Martins de Souza (UFPA).

Ementa: Mediante o discurso do crescimento econômico e a necessidade de modernizar as sociedades para gerar renda e empregos, os governos de diferentes países do mundo tem anunciado a construção de grandes projetos, obras gigantescas que levariam melhor qualidade de vida, bem como progresso e desenvolvimento às suas populações. Em diferentes momentos da História, governos ditatoriais e/ou estabelecidos por bases democráticas, muitas vezes atropelam leis ambientais de seus próprios países, para viabilizar empreendimentos que possibilitam a instalação de diferentes empresas e a circulação de pessoas dentro de seus territórios. Nesse sentido, pontes, hidrelétricas, ferrovias, rodovias, cidades e outros megaempreendimentos tem sido erguidos como instrumentos que em si mesmo gerariam renda e empregos às populações, bem como lucros vultosos a empresas de capital transnacional. Ao mesmo tempo em que os grandes projetos criam uma expectativa positiva em boa parcela da população, ante a possibilidade de lucro, provocam ansiedade nas populações tradicionais e em grupos ambientalistas, devido a perspectiva de que os mesmos provocariam danos irreversíveis ao meio ambiente, problemas para a saúde pública e, conseqüentemente as populações que dele dependem para garantir sua sobrevivência física e cultural. O presente simpósio pretende, nesse sentido, se constituir em um espaço aberto para diálogos sobre pesquisas que enfoquem o tema proposto e, desta forma, viabilizar a construção de futuros eventos e estudos coletivos que ampliem os campos de discussão de um tema tão necessário para as sociedades do mundo contemporâneo.

Justificativa: Desde o século XIX, diversos literatos e ensaístas publicaram trabalhos em que o tema do progresso e desenvolvimento, através de obras de integração ou de

grande aparato tecnológico, é presente e defendido como algo importante ou necessário às sociedades ocidentais.

As diferentes obras de Júlio Verne, por exemplo, escritas no século XIX, são repletas de aventura e humor, com a presença marcante do tema da ficção científica e levam o leitor a diferentes possibilidades de compreensão sobre a voz do narrador, pois se situa entre a ironia e a euforia, frente ao surgimento de máquinas e obras humanas fantásticas, facilitando o transporte e exploração do meio ambiente pelo ser humano.

Para tentar fazer um recorte conceitual em categorias geralmente utilizadas de forma por demais abstrata, quando não vaga, seguiremos, neste projeto, a categoria proposta por Elias (1994) trabalharemos com o termo natureza não humana ou meio para diferenciar os espaços habitados pelas outras formas do mundo natural, daqueles onde o elemento central para a análise é a presença humana, com suas práticas de intervenção e sociabilidade.

David Nye (1994), argumenta que, segundo uma ideologia muito presente nas grandes obras de integração nos Estados Unidos, como ferrovias, pontes e rodovias, para desenvolver e progredir é necessário integrar diferentes espaços para possibilitar a exploração da natureza e ao mesmo tempo que esta seja sobrepujada pelos humanos. Desde o século XIX se construíram teorias para o desenvolvimento e integração no mundo, através da colonização e exploração do meio ambiente viabilizados pela construção de pontes, ferrovias e rodovias que possibilitassem o transporte e deslocamentos.

Assim, em um mundo cada vez mais marcado por grandes projetos de integração e/ou desenvolvimento, como pontes, ferrovias, transposição de rios e mares, canais, hidrelétricas, rodovias e obras de mineração que provocam grandes intervenções no meio ambiente e no cotidiano de sociedades tradicionais e também urbanas, torna-se imprescindível a realização de um evento que aborde de modo diacrônico estes empreendimentos propiciando um maior diálogo entre pesquisadores.

A História, enquanto disciplina que epistemologicamente estuda de modo indissociável as sociedades humanas e o tempo, vem a ser um importante campo de conhecimento para propor um diálogo interdisciplinar, que possibilite não apenas uma maior compreensão de grandes empreendimentos elaboradas sob o discurso do progresso e desenvolvimento, não apenas no Brasil como também em outras partes do mundo.

Desta forma, o presente simpósio temático pretende possibilitar o diálogo entre pesquisadores de diferentes lugares do Brasil e de outros países, através de diálogos sobre os trabalhos apresentados, bem como de estudantes de diferentes níveis, da área de História e de outras áreas que estudem a temática central.

Referências:

BECKER, Bertha K. Significado geopolítico da Amazônia. Elementos para uma estratégia. In: PAVAN, Crodowaldo (org.). *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia – Vol 3*. São Paulo: UNESP, 1996. p.187-203.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *Políticas internacionais de saúde na Era Vargas – o Serviço Especial de Saúde Pública – 1942-1960*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.

CONFALONIERI, Ulisses E.C. Saúde na Amazônia: um modelo conceitual para a análise de paisagens e doenças. *Estudos avançados 53 – Dossiê Amazônia brasileira I*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/ USP, jan-abril 2005, p. 221-236.

CROSBY, Alfred. *Imperialismo ecológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, Antônia M. M. & Enéas Salati. Forças de transformação do ecossistema amazônico. In: *Estudos avançados 54 – Dossiê Amazônia brasileira II*. São Paulo: IEA/USP, 1987. p. 25-44.

GARCIA, José Luís & SUBTIL, Felipa. Conflito Social e ambiente – a Ponte Vasco da Gama. *Revista Análise Social*. Lisboa/Portugal: ICS, vol XXXIII, 1998.p.707-746.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas-SP: Papirus, 1990, p. 25.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos – ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

NYE, David. *American Technological Sublime*. Massachusetts: Institute of Technology, 1994.

PELLING, Margareth “Contagion/Germ Theory/Specificity” In: W. F. BYNUM & Roy PORTER (eds.). *Companion Encyclopedia of the History of Medicine, vol. I*. London/Inglaterra and New York/EUA: Rotledge, 1993, pp. 309-334.

ROSENBERG, Charles and GOLDEN, Janet (eds.). *Framing Disease: Studies in Cultural History*. New Brunswick/EUA: Rutgers University Press, 1977, pp. XII-XXVI.

**

ST 13.

Cultura, etnias, identificações

Coordenação: Prof. Dra. Beatriz Anselmo Olinto (UNICENTRO, Guarapuava), Prof. Dra. Méri Frotscher (UNIOESTE/Mal. Cândido Rondon), Prof. Dr. Marcos Nestor Stein (UNIOESTE/Mal. Cândido Rondon)

Ementa: A proposta de Simpósio Temático Cultura, etnias, identificações busca dar continuidade as discussões empreendidas por esse simpósio nas três últimas edições do Encontro Regional da Anpuh-Pr, nas quais ele foi realizado com sucesso.

Justificativa: O presente S. T. compõem um espaço privilegiado para a troca de experiências entre os pesquisadores, demonstrando atender a uma demanda de produção acadêmica que questione os referenciais identitários sob um prisma cultural. O objetivo é ampliar o diálogo entre as pesquisas com foco nas práticas e produções culturais referentes a identificações de sujeitos, representações regionais, problematização das construções identitárias, das manifestações étnicas e migrações de grupos humanos. Nesse sentido, vem construindo redes de conhecimento entre essa historiografia e apresenta-se como uma oportunidade de mapear e integrar tais pesquisas. Entende-se por processos de identificação a composição de configurações identitárias diversas, que se assemelham a um jogo de percepções de si e de composição dos outros, ou seja, o indivíduo participa de diversos jogos ao mesmo tempo em sua vida diária e neles constitui-se e se reformula constantemente. Vivencia diferentes figurações, em cada um delas e assume múltiplos papéis, cumpre variados comportamentos e níveis de controle, conhecendo, cumprindo e manuseando as regras e as relações de cada uma dessas figurações e criando uma configuração específica. Em um horizonte de conflitos e solidariedades no viver social, nos quais os processos podem não ser planejados, porém se dão entre tensões, relações de poder e construindo sentidos e horizontes de perspectiva.

Referências:

ELIAS, Norbert. *Os alemães*. A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

STEIN, Marcos N. *Oitavo Dia*: produção de sentidos identitários na Colônia de Entre Rios - PR. Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

**

ST 14.

História Política no Brasil: século XX

Coordenação: Angelo Priori (UEM), Leandro Brunelo (UEM), Verônica Karina Ipólito (PPGH/Unesp).

Ementa: O presente Simpósio Temático tem como proposta abrir espaço de discussão sobre a História Política brasileira no século XX, procurando traçar um panorama das principais tendências teóricas e de pesquisa.

Justificativa: Ao longo do século XX, a História Política passou por grandes transformações, sobretudo a partir dos anos 1960. Depois de décadas de desprestígio, a História Política têm retornado com bastante vigor nos estudos e reflexões historiográficas, tanto na Europa como nos Estados Unidos (REMOND, 1996,

ROSANVALLON, 2010, D'ALESSIO, 1996). No Brasil não tem sido diferente. Assim sendo, este Simpósio Temático tem como objetivo oferecer um espaço de diálogo sobre esta área de pesquisa, privilegiando trabalhos que apresentem:

- pesquisas recentes e/ou inovadoras na área;
- reflexões teórico-metodológicas sobre a área de pesquisa em questão;
- tentativas de reflexão e de diálogo sobre as divergências e/ou convergências de temas, objetos e problemas de pesquisa.

Referências:

BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1988.

D'ALESSIO, Márcia; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. A Esfera do Político na Produção Acadêmica dos Programas de Pós-Graduação (1985-1994). *Estudos Históricos*, n. 17, p. 123-149, 1996.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

GOUVEIA, Maria de Fátima. A História Política no campo da História Cultural. *Revista de História Regional*, Vol. 3, Número 1, 1998.

JULLIARD, Jacques. A Política. In: LE GOFF, Jacques (org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

POCOCK, J. G. A.. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 83-99.

REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22, 1995.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006

**

ST 15.

Fluxos e refluxos da história africana: culturas, identidades e transformação

Coordenação: Profa. Dra. Ana Paula Wagner (UNICENTRO/Irati), Prof. Dr. Hector Guerra (UFPR), Prof. Dr. Rodrigo Faustini Bonciani (UNILA)

Ementa: O objetivo desse Simpósio é reunir pesquisadores e educadores que reflitam sobre diferentes aspectos e perspectivas da grande área de “Estudos Africanos” que, destacando o campo da História, estabeleçam parâmetros e vias para um diálogo interdisciplinar. Investigar e conhecer a história de um continente plural com conexões regionais e externas muito antigas, em que as particularidades se definem pelo

movimento, que vincula o tradicional à identidade e à transformação. O Simpósio visa também à criação de um Grupo de Trabalho em História da África no Paraná, vinculado ao GT nacional.

Justificativa: A História de África tem assistido a um acentuado processo de renovação. Por muito tempo, considerou-se que as sociedades africanas se teriam mantido num estado próximo da natureza, pelo que seriam a-históricas. De outra parte, as pesquisas sobre a História de África tendiam a encará-la segundo uma perspectiva homogênea, sem levar em conta a diversidade dos seus povos. Entretanto, sobretudo desde o movimento das independências políticas africanas, os estudos têm beneficiado de mudanças teóricas e metodológicas que têm permitido apreender as diferentes experiências africanas sob o prisma das especificidades que lhes são inerentes.

Nos últimos anos, tem sido grande o esforço de pesquisadores, instituições e fóruns de discussão para que a História da África, seus povos e culturas sejam vistos, concomitantemente, na sua pluralidade e particularidades. Convocando diversas metodologias, desde a história oral à exploração dos arquivos coloniais, essas pesquisas colocaram em cena múltiplas dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais, vivenciadas em diferentes territórios e temporalidades.

Este simpósio visa contribuir para a compreensão da história africana na sua diversidade e nas suas várias dimensões, desde a política, a economia, a sociedade, a cultura até aos vários domínios do saber. Pretende refletir sobre as relações sociais e a construção de identidades por meio das dinâmicas internas de cada sociedade e de suas articulações à escala regional e global, evidenciando os contatos intra-africanos e com povos de outros continentes.

Os temas relacionados à diáspora e às lutas contemporâneas dos afrodescendentes também são fundamentais para o simpósio. Os desafios e estratégias para a implementação da lei 11.645, que define a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura africana e dos afrodescendentes. A particularidade da luta pelos direitos da população negra na atualidade. A construção das identidades quilombolas e o reconhecimento dos direitos das sociedades negras tradicionais, com atenção especial para o estado do Paraná.

Por conseguinte, o simpósio aqui proposto se dirige a pesquisadores e educadores cujos trabalhos tenham as sociedades africanas e afrodescendentes como foco, contemplando propostas que incidam sobre diferentes recortes cronológicos, regiões geográficas, problemáticas e temas de estudo. Por fim, entende-se que um simpósio acadêmico é um espaço de troca de informações e de experiências, resultando, neste caso, num fecundo campo de diálogo entre a pesquisa histórica e a docência.

Referências:

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio de uma história regional*. Salvador, SEPHIS, s/d.

COOPER, Frederick, HOLT, Thomas C. & SCOTT, Rebecca J. (org.). *Além da escravidão*. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (org.). *A descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. Visita a história contemporânea. 2ª. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

KI-ZERBO, Joseph (Coord.). *História Geral da África*, 8 volumes, 2ª. Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

LOVEJOY, Paul. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra*. História e civilizações. Tomos 1 e 2. Salvador/São Paulo: EDUFBA/Casa das Áfricas, 2009.

MANDANI, Mahmood. *Ciudadano y súbdito*. África contemporânea y el legado del colonialismo tardío. México, Siglo Veintiuno, 1998.

MIERS, Suzanne, e KOPYTOFF, Igor. *Slavery in Africa: historical and anthropological perspectives*. Madison: University of Wisconsin Press, 1977.

PANTOJA, Selma (org.). *Identidades, memórias e histórias em terras africanas*. Brasília: LGE editora/Luanda: Nzila, 2006.

THORNTON, John Kelly. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

TORGAL, Luís Reis et al. (Coords.). *Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismo em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

**

ST 16.

Infância, adolescência e juventude: história e historiografia

Coordenação: Eliane Mimesse (Centro Universitário Internacional), Ailton José Morelli (UEM)

Ementa: Esse Simpósio Temático abordará temáticas relacionadas a infância, adolescência e juventude, desde que enfocadas a partir da história ou da historiografia.

Os objetivos pretendidos com a organização desse Simpósio Temático buscam proporcionar um momento de diálogo entre os pesquisadores dos temas, assim como dar visibilidade a produção mais recente sobre a infância e a juventude no Estado do Paraná. As pesquisas aqui focadas são preferencialmente centradas entre os séculos XVIII e XXI, em função dos debates e da disponibilidade de fontes documentais sobre o período. E, como foi discutido no último Simpósio Nacional, esperamos aprofundar a interlocução existente com outros campos do conhecimento e seus profissionais, sob uma perspectiva histórica, tais como operadores do Direito, educadores, profissionais da Saúde, da área do Serviço Social, do Jornalismo entre outros.

Justificativa: O Simpósio Temático sobre História da infância, adolescência e juventude está vinculado ao trabalho de implantação e divulgação do GT História da Infância e Juventude no Brasil, em processo desde o ano de 2003. Nos encontros realizados nesses últimos 10 anos entre pesquisadores de vários estados, identificou-se como a importância do GT Nacional cresceu em apresentações realizadas no ano de 2013 no XXVII Simpósio Nacional. Dissertações e teses nesses últimos anos representam os frutos desse empenho e o crescente interesse pela História da infância. A relevância dos temas pesquisados merecem um destaque mais centralizado nos debates, até o momento essas temáticas acabam por diluírem-se em outras discussões, nem sempre plenamente aderentes aos assuntos. Ressalte-se que esse Simpósio Temático pretende apresentar a produção paranaense sobre a temática, que tem crescido e ampliado seus recortes e uso de fontes. O enfoque das pesquisas sobre a história das instituições escolares, das brincadeiras infantis, das relações familiares, da sexualidade e do trabalho infantil, são alguns dos exemplos dessa variedade de estudos produzidas no Estado do Paraná. Serão acolhidas nesse Simpósio Temático pesquisas com abordagens focadas nos sujeitos, nas questões teórico-metodológicas ou ainda em documentações sobre a temática, além das preocupações relativas à produção historiográfica. As pesquisas nesse segmento historiográfico podem enfatizar o aspecto social, o político, o econômico e o cultural, ou mesmo combinar o enfoque de uma ou mais instâncias de análise. É importante frisar que esse campo de conhecimento histórico não apenas subsidia, mas intervém na formulação de políticas setoriais de caráter público ou privado.

Referências:

AREND, Silvia Maria Fávero. **Os Filhos da Mãe**. Histórias de Abandono. Infância e Justiça no Brasil (década de 1930). Florianópolis: Mulheres, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações [Portugal e Brasil]. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) **História social da infância no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GONDRA, José Gonçalves. (Org.) **História, infância e escolarização**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MIMESSE, Eliane. (Org.) **Bambini brasiliani**: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras. Jundiaí/SP: Paco, 2013.

MONARCHA, Carlos. (Org.) **Educação da infância brasileira 1875-1983**. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

MORELLI, Ailton José. **Memórias de infância em Maringá**: transformações urbanas e permanências rurais (1970-1990). Tese [Doutorado]. Universidade de São Paulo, 2010.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. **Mulheres e Menores no Trabalho Industrial**: os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. O fim, o meio e a forma: o Brasil desejado, a infância e a lei na Assembléia Nacional Constituinte de 1934. In: MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima (org.) **Infância e saúde**: perspectivas históricas. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2009.

MÜLLER, Verônica Regina ; MAGER, Myrian ; MORELLI, Ailton José. Crianças do Brasil: percursos históricos para a conquista de direitos. In: Verônica Regina Müller. (Org.). **Crianças dos países de língua portuguesa; histórias, culturas e direitos**. Maringá: EDUEM, 2011, p. 63-106.

NUNES, Eduardo Silveira Netto. **A infância como portadora do futuro na América Latina: 1916-1948**. Tese [Doutorado]. Universidade de São Paulo, 2011.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTANA, Marcio Santos. **Projetos para as novas gerações. Juventudes e relações de força na política brasileira (1924-1945)**. Tese [Doutorado]. Universidade de São Paulo, 2009 Ano de obtenção: 2009

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. (Org.) **Educação da infância**: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**

ST 17.

Escravidão, emancipação e pós-abolição na província do Paraná

Coordenação: ILTON CESAR MARTINS (Unespar/União da Vitória); RICARDO TADEU CAIRES SILVA (Unespar/Paranavaí).

Ementa: O Simpósio Temático tem por objetivo reunir trabalhos que discutam as experiências e as relações de escravidão e liberdade nos períodos colonial e imperial, bem como as condições de vida dos negros no contexto do pós-abolição no Brasil e, em

especial, no Paraná. Nesse sentido, abrir-se-á espaço para a discussão de pesquisas que investiguem, dentre outros temas, os mecanismos de dominação e exploração da força de trabalho de indígenas, africanos e afrodescendentes; as estratégias de resistência empreendidas pelos mesmos para melhor vivenciar e superar o cativeiro e as relações de exploração a que estavam submetidos; os processos de libertação e a atuação dos escravizados junto ao Estado em busca da alforria e de outros direitos; as diferentes formas de expressão cultural e seus significados para ameríndios, africanos e afro-brasileiros; as trajetórias individuais e familiares de indígenas e afro-brasileiros; a família escrava e as relações de solidariedade e compadrio; as formas de mestiçagem e os processos de racialização; as práticas discriminatórias e racistas em seus aspectos econômicos, políticos, sociais, identitários, culturais e educacionais; as comunidades quilombolas e outras comunidades tradicionais; as relações entre negros e imigrantes; entre negros e indígenas; a participação de negros e indígenas na política, a historiografia sobre a escravidão e o pós-abolição, etc.

Justificativa: A proposta deste Simpósio Temático é um desdobramento da iniciativa do Grupo de Trabalho Nacional Emancipações e Pós-abolição, criado na ANPUH Nacional de 2013, coordenado por Wlamyra Albuquerque e Giovana Xavier. Naquela oportunidade, ficou decidido que os pesquisadores de diversas regiões do país deveriam estimular o desenvolvimento e a divulgação das pesquisas sobre os processos de escravidão e liberdade em suas regiões. Sendo assim, ao propormos o presente Simpósio Temático almejamos dar maior visibilidade aos estudos que enfocam a presença da escravidão no Paraná e o impacto desta instituição na formação econômica, social, política e cultural da província. Ao reunirmos os estudiosos paranaenses, pretendemos estimular a troca de experiências teóricas e metodológicas e traçar um quadro das principais pesquisas em curso bem como estimular o desenvolvimento de novos estudos sobre os processos de escravidão, emancipação e o pós-abolição no Paraná.

Referências:

ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação*. Abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo. Cia das Letras, 2009.

AZEVEDO, Célia Maria de. *Abolicionismo*: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Escravidão e Abolição no Brasil*. Novas Perspectivas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CUNHA, Manuela C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da & GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CONRAD, Robert, Edgar. *Os últimos anos da escravatura no Brasil*, 2^a. ed.. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERRARINI, Sebastião. *A Escravidão Negra na Província do Paraná*. Curitiba: Editora Lítero Técnica, 1971.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____ e GÓES, José Roberto. *A paz das senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico*. Rio de Janeiro (1790-1850). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1997.

GOMES, Flávio dos Santos & DOMINGUES, Petrônio (Org.) *Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

GRAF, Marcia Elisa dos Campos. *Imprensa periódica e escravidão no Paraná*. Curitiba: Grafipar/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1981.

IANNI, Octávio. *Metamorfoses do Escravo*. Apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

JÚNIOR, Jackson Gomes. SILVA, Luís Geraldo da. COSTA, Paulo Afonso Bracarense. *Paraná Negro*. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008.

MACHADO, Maria Helena. P. T. *O Plano e o Pânico*. Os movimentos sociais na década da abolição. São Paulo: 1994.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente*. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio*. Os significados da liberdade no Brasil escravista. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995, p. 329.

MONTEIRO, John M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. *As colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PENA, Eduardo Spiller. *O Jogo da Face*. A astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba Provincial. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

REIS, João José et alii (org.) *Liberdade por um Fio*. História dos Quilombos no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil*. A história do levante dos Malês de 1835. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

RIOS, A. e MATTOS, H. *Memórias do Cativo*. Família, Trabalho e Cidadania no Pós-Abolição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil, sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

**

ST 18.

A escrita da história na diversidade de linguagens e fontes: música, literatura, cinema, teatro.

Coordenação: Profa Dra. Celia Regina da Silveira (UEL), Profa Dra. Silvia Cristina Martins de Souza (UEL), Profa. Dra. Geni Rosa Duarte (UNIOESTE/Mal. Cândido Rondon)

Ementa: O objetivo deste simpósio temático é abrir espaço para discussões de pesquisas históricas recentes que têm descoberto ou revisitado, com novos olhares, temas, objetos e problemas de investigação situados na região fronteira entre história, música, cinema, literatura e teatro.

Justificativa: Com os avanços conseguidos nos últimos vinte anos pela História Cultural, o diálogo estabelecido com outras disciplinas e a expansão temática resultante deste diálogo possibilitaram que os historiadores comessem cada vez mais a privilegiar objetos de estudos anteriormente postos à margem da academia. Nesse movimento, a música, o cinema, a literatura e o teatro, dentre outras linguagens, vêm cada vez mais se transformando em fontes de pesquisas para historiadores preocupados em traduzir o mundo a partir de diversas formas de produção de sentidos construídas pelos homens em diferentes temporalidades. Esse diálogo tem envolvido pesquisas de naturezas diversas, associadas a diferentes (e por vezes antagônicas) modos de conceber

o fazer historiográfico, de formular questões e de abordar a documentação, ligados a tradições historiográficas distintas, sendo este um dos aspectos que tem dado visibilidade à História Cultural. Todavia, o privilégio dado às dimensões culturais, que norteiam esta proposta não excluem outras, tais como as sociais, políticas, econômicas, identitárias, étnicas e de gênero, por acreditarmos que as experiências humanas só podem ser explicadas se atentarmos para as complexas dimensões que as permeiam, sendo a associação entre elas que nos permite fugir da fragmentação, da despolitização e do diletantismo dos quais a História Cultural é por vezes acusada.

Referências:

ABREU, Martha, Historias musicais da Primeira República in **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 71-83, jan.-jun. 2011

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo **Dominios da História: ensaios de teoria e metodologia**, Rio de Janeiro, Campus, 1997.

....., **Novos Dominios da História**, Rio de Janeiro, Campus, 2011

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A M, (org.), **A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

EL FAR, Alessandra, **Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

KORNIS, Monica Almeida, Historia e Cinema: um debate metodológico in **Revista Estudos Históricos**, Vol. 5, No 10 (1992)

MENCARELLI, Fernando Antônio, **A Voz e a Partitura**, Tese de Doutorado, IFCH/ Unicamp, 2003.

MENESES, Ulpiano Bezerra de, Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares in **Revista Brasileira de História**, vol.23. no.45, São, Paulo, Julho 2003

NAPOLITANO, Marcos, **História e música**, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

PEREIRA, Avelino Romero, **Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical**, Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

SALIBA, Elias e MORAES, VINCI DE MORAES, José Geraldo, **História e Música no Brasil**, São Paulo, Alameda, 2010

CAPELATO, Maria Helena, MORETTIN, Eduardo, NAPOLITANO, Marcos, SALIBA, Elias Thomé (orgs.), **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**, São Paulo, Alameda, 2007

SANDRONI, Carlos, **Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de, **As Noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)**, Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

SCHVARZMAN, Sheila, **História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador**, disponível em <http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/f1.pdf>

TABORDA, Márcia, ULHOA, Martha, ABREU, Martha, VELOSO, Monica, (orgs). **História e Música no longo século XIX: de Caldas Barbosa a Baiano**, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2012.

WILLIAMS, Raymond, **Marxismo y literature**, Barcelona, 2000.

WILLIAMS, Raymond, **Cultura**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WISNIK, José Miguel, **Sem Receita: ensaios e canções**, São Paulo, Publifolha, 2004.

**

ST 19.

Histórias, Artes e patrimônios: expressões das memórias coletivas e de tradições culturais no ensino e na pesquisa.

Coordenação: Dra. Sandra C. A. Pelegrini (UEM); Carmem Schiavon (FURG).

Ementa: O presente simpósio se propõe a reunir pesquisadores que desenvolvem estudos sobre as artes e o patrimônio cultural em um período singular da história política do país, qual seja o da instauração do Governo Militar no Brasil, entre 1964 e 1985. Nessa direção, visa promover instigante debate entre estudiosos que se debruçam sobre as produções culturais que se inscrevem no campo das representações da luta política (confrontos, repressão, violência) e no da dissimulação de tais embates por meio da censura e da repressão às organizações contrárias ao Estado. A observância crítica de diversas linguagens e fontes históricas nos desafiam a desvendar apropriações de suportes materiais e/ou imateriais que buscavam enaltecer o processo acelerado de modernização e o fomento de obras monumentais que tendiam a legitimar o poder dos militares, o crescimento econômico, a mudança das paisagens urbanas e da ambiência natural. Chama-nos a atenção o fato de que as proposições preservacionistas de distintas tipologias de bens culturais e naturais contribuía para oficialmente reforçar o ideário do “progresso” e da “civilidade”, bem como, a proteção de fronteiras territoriais do Comunismo, considerado altamente nocivo a nação. Nesse sentido, o presente simpósio sugere a reflexão e convida aos pesquisadores interessados a debaterem os sentidos e as significações de produções pictóricas, fotográficas, teatrais e musicais, propagandas

impressas e audiovisuais concebidas pelos opositores ao Estado autoritário, sem, no entanto, negligenciarem as construções discursivas e as práticas utilizadas pelas autoridades políticas e militares para se legitimarem no poder, fortalecerem as representações de um “Brasil que vai pra frente” e salvaguardarem apenas o patrimônio artístico e cultural considerado capaz de adequada e publicamente singularizar a “autêntica” identidade nacional. Sem dúvida, para alcançarmos resultados profícuos e superarmos as armadilhas das conclusões apressadas precisamos reconhecer a complexidade das questões ora apontadas e a importância dos diálogos multidisciplinares entre a história e outras áreas do conhecimento.

Justificativa: A observância de registros sonoros, imagéticos e bens tombados ou registrados nos oferecem pistas valiosas para a compreensão das histórias e das memórias da sociedade brasileira nas três últimas décadas do século XX e apontam efetivas possibilidades de dinamização do Ensino Básico e Universitário, de promoção da preservação de bens patrimoniais de distintas tipologias e o estilo a associação entre os saberes históricos e a educação patrimonial.

Referências:

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2004.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979

_____. Sex, Power and the Politics of Identity. *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Disponível em site: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault.html>. Acesso em set/2006.

FUNARI, Pedro Paulo e DOMÍNGUEZ, Lourdes. As cartas internacionais sobre o patrimônio. *Textos Didáticos*, no. 57, nov./2005. Campinas: IFCH, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. *O patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

IPHAN. Cartas e Declarações sobre o patrimônio natural e cultural. Disponível em <http://www.iphan.br>. Acesso fev./2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. *In.:*

THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

HALBAWCHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1984.
- PELEGRINI, Sandra C. A. A arte pública como cúmplice. In: Revista de História Regional. Ponta Grossa, 2014, n1. (prelo)
- _____. *A UNE nos anos 60. Utopias e práticas políticas no Brasil*. Londrina: EDUEL, 1998.
- _____. A arte e o patrimônio latino-americano no ensino e na pesquisa histórica. *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas: ANPLHAC, 2006.
- REIS FILHO, Daniel A. *A paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 40.
- RIDENTE, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- UNESCO. *Declaração de Amsterdã, 1975*. Disponível em site <http://unesdoc.unesco.org>. Acesso em out./ 2013.

**

ST 20.

A história ambiental e os movimentos protecionistas e socioambientais

Coordenação: Prof. Dr. DANIEL PORCIUNCULA PRADO (FURG), Prof. Dr. PAULO HENRIQUE MARTINEZ (UNESP)

Ementa: O Simpósio Temático propõe discutir a História Ambiental e suas interfaces com as ações de intervenção ambientalista, em suas diversas matizes, conservacionista, preservacionista e socioambientalistas. Entende a diversidade de manifestações em defesa da natureza, ao menos desde o século XIX, e em especial ao longo do século XX. Interpreta o ativismo político da Educação Ambiental como ferramenta de transformação nas diversas sociedades.

Justificativa: Paulatinamente, o século XX gestou um caldo cultural de ideias e movimentos de cunho preservacionista relacionado a fauna e flora, que aos poucos deu vazão a um pensamento ecológico de cunho social, predecessor e sustentáculo dos atuais movimentos socioambientais.

A década de 1960, período de diversas manifestações de contestação contra-cultural, marcou a emergência de uma série de movimentos sociais. Problemas vinculados a realidades específicas fizeram germinar movimentos ecléticos, como a luta

feminista, os direitos civis, a luta contra a segregação racial, a organização das minorias sexuais, o movimento estudantil e, dentre esses, o ambientalismo.

O contexto da Guerra Fria, o conflito no Vietnã, o surgimento do *rock-and-roll*, o movimento *hippie*, a expansão da comunicação de massas via satélite, dentre outras manifestações, fazem parte, sem dúvida nenhuma, das raízes históricas e culturais das quais emergiu o movimento ecológico. Temas tão diversos quanto desmatamento, extinção de espécies, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição dos ecossistemas, construção de barragens, erosão dos solos, corrida armamentista e ameaça nuclear foram agregados ao ideário ambientalista que então se forjava.

A partir de 1980 o ativismo ecológico obteve um impulso com os protestos quanto ao uso de energia nuclear. Tais movimentos foram estimulados pelas panes da usina de *Three Miles Island* em *Harrisburg*, EUA. Contemporaneamente, porém do outro lado do oceano Atlântico, surgiram candidatos de bandeiras ecologistas disputando processos eleitorais e influenciando em espaços de decisões na França e Alemanha. Em meio à emergência em âmbito internacional destas ideias, no Brasil das décadas de 1960/70, a ditadura militar radicalizava a perseguição sobre os movimentos sociais, mais particularmente sobre o sindical e estudantil. Nesse contexto de sufocamento das liberdades de expressão e da livre organização, viria a originar-se um movimento ecológico orgânico.

Todavia nas décadas anteriores, a partir dos anos 30, já havia mobilizações de cunho ambiental levadas à cabo por agentes vinculados à imprensa e entidades de defesa da natureza, e mesmo ao longo do século XIX, críticos ambientais já despontavam com suas análises acerca do desenvolvimento insustentável então implantado do Brasil.

A interpretação, análise e socialização deste amplo arcabouço de experiências são a principal justificativa para a proposição deste Simpósio Temático, bem como a afirmação da História Ambiental no cenário nacional e incentivo a novas pesquisas nesta área.

Referências:

BONES, Elmar & HASSE, Geraldo. *Pioneiros da ecologia: breve história do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Já editores, 2002.

BUBLITZ, Juliana. *Desmatamento civilizador: a história ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul (1824-1924)*. III Encontro das Anppas de 23 a 26 de maio de 2006. Brasília, DF. www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA604-01032006-134852.pdf. Acessado em 23/07/2007.

DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.4, n.8, 1991. www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/84.pdf. Acessado em 15/01/2008.

DUARTE, Regina Horta. *História & natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FRANCO, José Luiz de Andrade. *A primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza e a questão da identidade nacional*. In: *Varia História* nº 26. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FRANCO, José Luiz de Andrade & DRUMMOND, José Augusto. *Preocupações com a proteção à natureza e com o uso dos recursos naturais na primeira república brasileira*. In: *Textos de história*, vol. 12: dossiê história atlântica. Brasília: UNB, 2004.

GONÇALVES, Carlos Walter. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1993.

LAGO, Antonio & PÁDUA, José A. *O que é ecologia*. São Paulo: brasiliense, 1985.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: Pesquisa e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.

PÁDUA, José Augusto (org). *Ecologia e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: IUPERJ, 1987.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Jorge Zahar Ed., 2002.

PRADO, Daniel Porciuncula. *A Figueira e o Machado: uma história das raízes do ambientalismo no Sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler*. Rio Grande: FURG, 2011.

**

ST 21.

Intelectuais, laicidade e sociedade política Iberoamericana (século XX).

Coordenação: Dr. Federico Alvez Cavanna (UFPR), Dr. Marcos Gonçalves (UFPR).

Ementa: O Simpósio Temático tem como objetivo acolher pesquisas que discutam os múltiplos significados e modos pelos quais os grupos intelectuais iberoamericanos se manifestaram em seus contextos políticos propondo ações e/ou projetos de intervenção sobre as seguintes temáticas: questões conceituais da laicidade das instituições; as fronteiras entre secularização e dessecularização, as relações entre Estado e Igreja e, por conseguinte, o cruzamento das tensões, conflitos e conciliações entre poderes políticos e poderes religiosos, sobretudo, na problemática que atende à inserção de um vocabulário político apropriado a responder pelas transformações ou momentos de ruptura nos sistemas de governabilidade da Iberoamérica durante o século XX em suas variantes ideológicas: liberais, autoritarismos, populismos, militarismos, e a possível dialética dessas variantes com os integristas, os fundamentalismos, o nacional-catolicismo.

Justificativa: A história dos intelectuais, campo de análise que rege os propósitos do Simpósio Temático, é entendida aqui como a reflexão que as Ciências Sociais, e, mais especialmente, a história, a sociologia, a filosofia política em situação de interdisciplinaridade, desenvolvem sobre as correntes ou tradições de pensamento que atuam como suporte a uma história social das ideias, e a uma história dos contextos intelectuais nos quais os “homens de pensamento”, pelo seu protagonismo em uma dada sociedade, refletem a *partir* e a *respeito* dela, produzindo valores e ideologias, concepções de mundo, modelos de ação social, assim como conflitos, tensões e antagonismos em relação a projetos divergentes. A particularidade deste Simpósio está em atribuir relevância ao pensamento social iberoamericano do século XX, e às trajetórias públicas de grupos intelectuais tanto associados àquele contexto, como filiados ou não a tradições religiosas e ideológicas que constituíram redes de sociabilidade e inserções institucionais (revistas culturais, meio acadêmico, educação, jornalismo, política, etc.). Mais especificamente, situamos o problema em termos de indagar: 1) como o pensamento social iberoamericano fundamentado sob crenças ideológicas heterogêneas e nos vínculos diretos ou indiretos com seus universos religiosos, produziu registros históricos plausíveis que representaram sua realidade, e que ajudam a compreender parte da história social do período, e; 2) em que medida tal compreensão pode ser articulada aos modos de pensar as possibilidades políticas que derivam dessas circunstâncias. Neste sentido, são importantes como fatores operativos conceituais as noções de laicidade e secularização que percorrem o debate. Tais noções, redefinidas ou legitimadas continuamente pelas Ciências Sociais, prescrevem a história dos grupos intelectuais sujeitos a impulsionarem, ou, de outro modo, firmarem consensos ou serem refratários quanto às transformações que projetaram maiores graus de informalização de suas sociedades. Mesmo com o aprofundamento das modernidades na cultura iberoamericana – desenvolvimento da racionalidade industrial capitalista, crescimento da civilização urbana e tecnológica com efeitos desestruturantes nas formas tradicionais de sociabilidade, o “fazer a história” sem a interferência dos universos simbólicos das religiões tradicionais - sempre haverá uma reivindicação por parte das

religiões, e, notadamente, dos grupos intelectuais que as representam (ainda que de forma colateral) em atribuir à relação independente e radical entre política e religião como sendo um “fenômeno patológico” e desestabilizador das tradições cristalizadas. O processo de diferenciação estrutural e funcional das instituições a que se chamou laicização, e que atingiu as sociedades iberoamericanas em dimensões variáveis entre final do século XIX e início do século XX, correu paralelo às resistências germinadas em grupos intelectuais de matriz conservadora. Muitas alianças políticas forjadas a partir de então congregaram o apoio de segmentos religiosos dando impulso ao surgimento de organizações ou “lugares” dispostos a desenvolver críticas e programas alternativos aos fenômenos secularizadores. Tendo em conta as instabilidades marcadas por este cenário, o Simpósio almeja conferir significado para o conhecimento e/ou redescoberta das trajetórias intelectuais de grupos de interesses, indivíduos, obras e produções históricas cujo enfoque situa-se na dialética entre imaginários religiosos e ideologias políticas no espaço-tempo iberoamericano referenciado.

Referências:

ALTAMIRANO, Carlos. (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz, 2008.

_____. (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010.

ALVEZ CAVANNA, Federico. *História do conceito de laicidade no Uruguai: do batllismo à Doutrina da Segurança Nacional*. Tese (Doutorado em História). UFPR, Curitiba, 2013.

CANCINO, Hugo. Los intelectuales latinoamericanos entre la modernidad y la tradición – siglos XIX y XX. *Cuadernos de Historia Latinoamericana*. Madrid: Asociación de Historiadores Latinoamericanos Europeos (AHILA), 2004.

CARRASCO, Olga M. *Perú y la guerra civil española. La voz de los intelectuales*. Madrid: Calambur Editorial, 2013.

CATROGA, Fernando. *Entre Deuses e Césares. Secularização, laicidade e religião civil: uma perspectiva histórica*. Coimbra: Almedina, 2006.

DEUTSCH, Sandra M. *Las Derechas. La extrema derecha en Argentina, el Brasil y Chile 1890-1939*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2005.

DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. *Historia de la Iglesia argentina. Desde la conquista hasta finales del siglo XX*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2009.

DOSSE, F. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. València: PUV, 2007.

FERNÁNDEZ, Álvaro; MAÍZ, Claudio. *Redes latinoamericanas: Sociabilidad de las relaciones intelectuales*. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.

GONÇALVES, Marcos. *As tentações integristas: um estudo sobre imprensa católica, política e catolicismo no Brasil (1908-1937)*. Curitiba: CRV, 2012.

HINOJOSA, Isabel. La ideología franquista en la legitimación de la dictadura militar chilena. *Revista Complutense de Historia de America*, 2008, vol. 34, p. 233-253.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Maas e Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. *Aceleración, Prognosis y Secularización*. Trad. Faustino Coves. València: Pre-Textos, 2003.

LIMONCIC, Flávio; MARTINHO, Francisco C. P. (Orgs.). *Os intelectuais do antiliberalismo*. Projetos e políticas para outras modernidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MICELI, Sergio. *Vanguardas em retrocesso*. Ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MONFORT, Ricardo P. *Hispanismo y Falange*. Los sueños imperiales de la derecha española. Ciudad de México: FCE, 1992.

MORALES, Tirso M. *El fascismo en el Perú: La Unión Revolucionaria 1931-1936*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2006.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática*. Trad. Alexandra de Mello e Silva. São Paulo: Edusp, 2007.

ORO, Ari P. (Org.). *Religião e Política no Cone Sul: Argentina, Brasil e Uruguai*. São Paulo: Attar, 2006.

NUDELMAN, Ricardo. *Diccionario de política latinoamericana contemporánea*. Ciudad de México. Editorial Oceano de México, 2007.

POCOCK, John. G. A. *Linguagens do ideário político*. Trad. Fábio Fernandez. São Paulo: Edusp, 2003.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha. (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROSA, Alberto A. Intelectuais. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 22. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996, p. 151-178.

ZANCA, José A. *Los intelectuales católicos y el fin de la cristiandad 1955-1966*. Buenos Aires: FCE, 2006.

ZANOTTO, Gizele. *TFP – Tradição, Família e Propriedade*. As idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995). Passo Fundo: Méritos, 2012.

**

ST 22.

Religiões e religiosidades: crenças, práticas e hibridismo

Coordenação: Dra. Solange Ramos de Andrade (UEM), Dr. Richard Gonçalves André (UEL), Dra. Vanda Fortuna Serafim (UEM)

Ementa: A proposta do Simpósio Temático está articulada à proposta do **GT História das Religiões e das Religiosidades (ANPUH)**, que tem como objetivos constituir um espaço de referência nacional nos estudos sobre história das religiões e religiosidades; analisar as manifestações religiosas inseridas em seu contexto histórico; aprofundar o conhecimento e qualificar o profissional para a pesquisa e a docência; dar visibilidade às pesquisas acerca das manifestações religiosas, vinculadas aos cursos de pós-graduação em História; constituir referencial teórico e metodológico que oportunize a leitura e a integração crítica e consciente da pluralidade do fenômeno religioso, e fortalecer a área dos estudos religiosos como disciplinas em cursos de graduação, além do desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, o ST está aberto aos pesquisadores da História e demais áreas do conhecimento que desenvolvam pesquisas sobre religiões, religiosidades e crenças, atentando para as práticas, representações e hibridismos estabelecidos nessas manifestações; além da produção discursiva e da elaboração de um saber científico.

Justificativa: O **GT História das Religiões e das Religiosidades (ANPUH)** foi criado em Dourados-MS, no ano de 2003, durante o I Simpósio Internacional Religião, Religiosidades e Cultura, pelas Regionais da ANPUH, de MT, MS, PR e SP, o GT História das Religiões e das Religiosidades teve sua primeira reunião nacional no XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH em Londrina, PR na Universidade Estadual de Londrina (UEL) no ano de 2005, quando foi eleita sua primeira gestão 2005-2007. Uma das deliberações foi a de procurar dar maior visibilidade ao Grupo.

A segunda reunião administrativa ocorreu no ano de 2007, no XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH em São Leopoldo, RS, na UNISINOS, na qual procedeu-se à avaliação favorável do I Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR. Nessa reunião ficou decidida a periodicidade bianual dos Encontros do GT, que para adequar sua agenda e não acontecer no mesmo ano da ANPUH Nacional optou por realizar o II Encontro Nacional do GT no ano de 2008, na UNESP, campus de Franca, SP. No ano de 2010 foi realizado o III Encontro Nacional do GT, na UFSC, em Florianópolis, SC e em 2012 o IV encontro foi realizado na UNISINOS-RS. Na assembleia, realizada durante o III Simpósio do GT História das Religiões e das Religiosidades da Associação Nacional de História (GTHRR-ANPUH), realizado em 2013 em Maringá, foi decidida a

realização do V Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades, na UFBA, em Salvador – BA com a temática “Festas e Devoções”. Além das realizações dos eventos, o GT é também responsável pela criação e manutenção da Revista Brasileira de História das Religiões que em 2014 entra no sétimo ano da Revista. Nesse sentido é importante e relevante a atuação e elaboração de espaços de para reflexão estabelecidos pelo **GT História das Religiões e das Religiosidades (ANPUH)** no âmbito da História.

Referências:

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo; Editora Unisinos, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. 3. ed. trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis : Vozes, 1998.vol 1.

CHARTIER, Roger. *Beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, RS : Ed. UFRGS ; : Editora da Universidade , 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religión, hilo de memoria*. Barcelona: Herder, 2005.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 106-127.

**

ST 23.

Etno-história indígena: abordagens transdisciplinares

Coordenação: Flavio Braune Wiik (UEL); Lúcio Tadeu Mota (UEM)

Ementa: Realizar reflexão sobre a temática da história indígena destacando a importância da conjugação de dados e métodos de várias disciplinas como: história, antropologia, arqueologia, linguística, geografia, ecologia, e a valorização de suas tradições orais, cultura material, dados linguísticos e seus etno-conhecimentos como metodologia para abordagem da história indígena, história dos índios ou da etno-história indígena.

Justificativa: Nas últimas três décadas houve o crescimento da pesquisa sobre a história das populações indígenas no Brasil, posicionando essas populações enquanto protagonistas da história e não apenas como vítimas da inexorabilidade histórica de ocupação de seus territórios pelas frentes de ocupação. O interesse pela temática foi impulsionado pela promulgação da Constituição Federal em 1988, que garantiu direitos aos povos indígenas, principalmente os relativos a terra, isso gerou novas demandas para estudos dessas populações. No entanto, esse interesse por estudar processos

históricos dos quais os indígenas são sujeitos protagonistas, trazem consigo questões e problemas relacionados ao uso de conceitos, e de metodologias a serem utilizadas. Acalorado debate que já ocorreu nos EUA nas décadas de 1950 e 60, e de certa forma continua a repercutir nesse campo de estudo aqui no Brasil.

Propomos aqui uma reflexão sobre a temática da história indígena destacando a importância da conjugação de dados e métodos de várias disciplinas como: história, antropologia, arqueologia, linguística, geografia, ecologia, e a valorização de suas tradições orais, cultura material, dados linguísticos e seus etno-conhecimentos como metodologia para abordagem da história indígena, história dos índios ou da etno-história indígena.

A ANPUH em seu Simpósio Nacional tem abrigado GTs sobre a história indígena, muitas Revistas da área tem dedicado dossiês temáticos ao assunto, tem surgido Núcleos de Pesquisas e Laboratórios específicos em diversas IES por todo país, e alguns Programas de Pós-Graduação em História já abrigam linhas de Pesquisa em História Indígena.

Assim, propomos o Seminário Temático - **Etno-história indígena: abordagens transdisciplinares**, a ser realizado no encontro da ANPUH-Regional Paraná que ocorrerá em outubro de 2014 na UNESPAR – Campo Mourão.

Referências:

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, J. *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1998

CALVO, Luis Calvo. La "razón histórica" y las "otras razones". una aproximación histórica al diálogo entre antropología e historia. *Historia y Fuente Oral*, N^o. 9, Historia y Etnología (1993), p. 119-136.

CARMACK, Robert M. Ethnohistory: a review of its development definitions, methods, and aims. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 1: 227-246 (Volume publication date October 1972), DOI: 10.1146/annurev.an.01.100172.001303.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. *História (São Paulo)* v.30, n.1, p. 349-371, jan/jun 2011 ISSN 1980-4369.

COHN, Bernard S. Etnohistória. In: *Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales*. Vol 5, Madrid, 1974.

CUNHA, M. C. da (ORG). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992

CUNHA, Manuela Carneiro da. Por um história indígena e do indigenismo. In. *Cultura com Aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pp. 125-131.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnohistória. *Prosa Uniderp*. n. 1, v. 3, pp. 39-48, jun. 2003.

GALDAMES, O. S Etnohistoria o historia indigena? *Encuentro de Etnohistoriadores*. Santiago: Universidad de Chile, 1988. pp. 7-9.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História indígena no Brasil. In. GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi; SILVA, Aracy Lopes da Silva. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1 e 2 graus*. Brasília: MEC:MARI:UNESCO, 1995. pp. 221-236.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. P. *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999

TRIGGER, Bruce G. Ethnohistory: problems and prospects. *Ethnohistory*, 29(1), pp. 1-19, 1982.

WOLF, Eric R. *Europa y La gente sin história*. México DF: FCE, 2005.

**

ST 24.

História, memórias e fontes orais

Coordenação: Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG), Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro (UFGD)

Ementa: Este ST tem como propósito reunir e trocar experiências entre pesquisadores preocupados com o emprego de memórias e fontes orais no trabalho historiográfico. A metodologia da história oral nas últimas décadas vem constituindo uma contribuição significativa ao trabalho de historiadores e cientistas sociais, a despeito lamentavelmente de desconfianças quanto ao seu caráter subjetivo. Na perspectiva deste fórum, toma-se como primordial justamente o caráter alternativo da produção subjetiva das fontes orais, que tem proporcionado um salto nas reflexões históricas que se ocupam da produção e interpretação de memórias. Todavia, tem-se claro que o emprego puro e simples não pode fugir ao encontro do debate qualificado acerca dos problemas e complexidades engendrados nesta produção narrativa; de um lado ao outro, do dialogismo na construção da fonte oral, o cruzamento com fontes constituídas com outras linguagens, o protagonismo dos sujeitos de memórias, e por fim e não menos importante, os cuidados éticos de sua feitura. É bem verdade que o principal legado da história oral na escrita da História foi forjado pela possibilidade dada aos historiadores de produzirem suas próprias fontes. Entretanto, cumpre observar que é preciso sair do simplismo de seu emprego tácito, a fim de problematizar não apenas as velhas questões que modulam a escolha desse uso, como também as questões da problemática histórica que deve prevalecer para além do proselitismo de seu uso por si mesmo. Estas e outras

questões se somam ao compromisso ético do historiador preocupado com o emprego qualificado das memórias e fontes orais, situando-se pois não como apenas como problemas, mas também como horizonte de possibilidades, trocas e aprendizados entre praticantes.

Justificativa: O trabalho com história oral não é novo no Brasil, tendo sido introduzido no país ainda na década de 1980. Muito embora seu uso em pesquisas acadêmicas atualmente esteja consolidado, uma série de questões ainda permanece aberta ao debate, tais como: o desafio de lidar com o caráter subjetivo da história oral; a função das narrativas orais na pesquisa histórica, bem como seu diálogo com as demais fontes históricas; o trabalho ético com esse tipo de fonte; a formação de arquivos em história oral; dentre outras tantas. O presente ST visa constituir-se em espaço para o debate dessas e outras questões, bem como de troca de experiências entre pesquisadores da área, ainda carentes de referenciais para a produção e análise de fontes orais.

Referências:

ALBERTI, V. *O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades da pesquisa*. Ouvir contar: textos em história oral. 1ª ed, 2004a. FGV Editora.

ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: V. ALBERTI (Org.); *Ouvir contar: textos em história oral*, 2004b. Rio de Janeiro: FGV Editora.

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: C. B. PINSK (Org.); *Fontes históricas*, 2006. Contexto.

AMADO, J. *A culpa nossa de cada dia: ética e história oral*. Projeto História., v. 15, 1997.

FERREIRA, M. DE M. História oral: velhas questões, novos desafios. In: R. VAINFAS; C. F. CARDOSO (Orgs.); *Novos domínios da História*, 2012. Elsevier Brasil.

FERREIRA, M. DE M.; FERNANDES, T. M. D.; ALBERTI, V. (ORGS.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, RJ: Casa de Oswaldo Cruz, Editora Fiocruz : FGV, CPDOC, 2000.

GRACIA, G. N.; POZZI, P. A. *Cuéntame cómo fue*. Introducción a la historia oral. Colección en Defensa de la Historia ed. Buenos Aires: Imago Mundi, 2008.

JOUTARD, P. *Esas Voces Que Nos Llegan Del Pasado*. Fondo de Cultura Económica, 1999.

KHOURY, Y. A. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 22, n. 0, 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731>>. Acesso em: 23/3/2014.

KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: L. A. Maciel; Y. A. Khoury; P. R. de Almeida (Orgs.); *Outras histórias: memórias e linguagens*, 2006. São Paulo: Editora Olho d'Água.

LAVERDI, R. Raymond Williams y la historia oral: relaciones sociales constitutivas. *Palabras & Silencios*, v. 5, n. 2, p. 21–32, 2011.

MEYER, E. W. *Comunicación y liberación: tareas de la historia*. Historia oral: historia viva, historia de masas. Disponível em: <<http://ru.ffyl.unam.mx:8080/jspui/handle/10391/3337>>. Acesso em: 23/3/2014.

PASSERINI, L. Memória e utopia em um mundo global. In: R. SANTHIAGO; V. B. de M. MAGALHÃES (Orgs.); *Depois da utopia: A história oral em seu tempo*, 2013. São Paulo: Letra e Voz/FAPESP.

PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 10, n. 0, 1993. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12103>>. Acesso em: 23/3/2014.

PORTELLI, A. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, v. 14, p. 7–24, 1997a.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, v. 14, 1997b. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>>.

POZZI, P. A. Historia Social, Historia Militante: “Un producto colectivo”. *Revista História & Perspectivas*, v. 1, n. 40, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19209>>. Acesso em: 23/3/2014.

SAMUEL, R. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 19, p. 219–243, set.89/fev.90.

SAMUEL, R. Desprofesionalizar la historia. *Debats*, v. 10, n. Valencia, 1984.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. DE M. (ORGS.). *Depois da utopia: A história oral em seu tempo*. Letra e Voz/FAPESP ed. São Paulo, 2013.

SCHWARZSTEIN, D. História Oral, memória e histórias traumáticas. *História Oral*, v. 4, n. 0, 2009.

THOMPSON, A. *Recompondo a memória: questões sobre a relação História Oral e as memórias*. Projeto História, v. 15, 1997.

THOMPSON, P. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, p. 341–364, 2002. Acesso em: 23/3/2014.

THOMPSON, P. Historia oral y contemporaneidad. Historia, memória y pasado reciente, *Anuario* nº 20., 2003. Rosario: Homo Sapiens Ediciones.

**

ST 25.

História, professor, historiador: paradigmas de identidade profissional, cursos de graduação e profissionalização, função social e mercado de trabalho, aspectos de uma crise da profissão?

Coordenação: Bruno Flávio Lontra Fagundes (UNESPAR/Campo Mourão), Ricardo Marques de Melo (UNB).

Ementa: Análise e exame de questões sobre o momento por que passa a história da disciplina História, em vista do reconhecimento da inadequação de cursos de História para formar profissionais visando potenciais lugares de atuação no mercado de trabalho econômico e social, o que, provavelmente, requer a revisão de premissas e paradigmas que marcam há mais de um século a história da disciplina. Tal análise está articulada a um contexto de cultura histórica marcado: pela contração um tanto dramática do mercado de trabalho para o formado em História, pela diminuição do interesse por cursos acadêmicos de História e pela hegemonia dos processamentos científicos do conhecimento histórico, combinado, paradoxalmente, com a investigação do papel da escola como produtora de conhecimento histórico legítimo, com o aumento da “sedução pela memória” e pela expansão das histórias em “modalidades não-acadêmicas” e “não-científicas”.

Justificativa: Sob que aspectos seria possível reflexão sobre a responsabilidade de cursos de graduação em História a fim de se avaliar as enormes dificuldades do aluno depois que se forma e procura o mercado de trabalho? Seria possível pensar aquela responsabilidade supondo que cursos imaginam seu formado destacado da cultura histórica, ocupando ali lugar no alto de uma hierarquia que submete a escola ao papel de mera reprodutora do conhecimento acadêmico? É fato que o acesso da sociedade a conteúdos históricos se dá muito mais por produtos extra-acadêmicos – como quer Beatriz Sarlo, por “modalidades não-acadêmicas” (...) que atingem uma “circulação extradisciplinar que se estende à esfera pública comunicacional, à política e, ocasionalmente, recebem o impulso do Estado” (SARLO, 2007, p. 13).

Parte-se aqui do pressuposto de que determinadas concepções de história influem decisivamente na maneira como o próprio historiador e a sociedade o representam e lhe atribuem funções no século XXI, delimitando seu campo de atuação profissional. Qual o peso da relação matéria escolar História e disciplina acadêmica histórica na restrição do campo de atuação do graduando depois de formado? Será preciso rever a função social do historiador e o desenho institucional de cursos de graduação sob aspectos tais como: currículos, relação ensino-pesquisa, natureza de projetos acadêmicos, definição de perfis profissionais? Não é preciso se rever o clássico princípio que fixa cursos e professores de História como “formadores de cidadãos críticos e participativos” (CARDOSO, 2007, p. 68), princípio conservado intacto há décadas nos marcos regulatórios educacionais da área e bastante vivos nos PPPs de cursos de graduação? Como influir mais sobre a vida pública? Autores sabem que são as escolas as que mais processam a cultura histórica pública em vista das interpelações cotidianas de alunos, mas o que esperar da universidade sob esse aspecto? O ST abrigará reflexões que discutem sob que bases conceituais seria possível justificar a

atuação do formado em História para além da academia e da escola e se abre a temas afins e correlatos que enriqueçam a questão.

Grande parte dos cursos de graduação em história no Brasil não forma para o exercício de cargos e funções diversos daqueles relativos ao ensino formal ou à pesquisa acadêmica. Espaços profissionais passíveis de ocupação pelo historiador são desprezados ou subaproveitados. Se o projeto de lei da profissionalização legisla, prioritariamente, a obrigatoriedade da formação na área para o exercício da docência, ele não poderá ampliar a reflexão fazendo-a avançar no aspecto de novos espaços de formação e atuação? Refletir sobre alguns possíveis aspectos dessa situação, provavelmente envolve considerar a relação universidade-escola a partir de temas como a articulação pesquisa-ensino nos currículos e projetos vinculados a cursos de graduação, desenhos institucionais de cursos construídos para formar, primeiro, só professores e, depois, só pesquisadores. Radicalizar a reflexão sobre a função social da escola e da universidade no século XXI seria um caminho inicial de análise?

O ST se abre a vários temas relativos aos praticantes da disciplina histórica. O que seria possível fazer ante a realidade de estrangulamento de lugares de trabalho que afasta interesses pela área? Crise de mercado de trabalho, provavelmente, mas não haveria ainda uma desatualização da representação de historiadores sobre si mesmos e sua função social em sociedades modificadas? Temas vários cabem aí: a natureza da formação historiadora materializada em ênfases setoriais e componentes curriculares de cursos, políticas educacionais que idealizam um perfil de profissional, perseverança de tradições disciplinares ante mudanças da escola e da universidade massificadas. A escola mudou tanto assim? Pode mudar mais? E a universidade? Não seria um falso preceito o de que conhecimento de qualidade é sinônimo de isolamento? Examinar a pertinência e limites dos conceitos de história e de historiador, questionando-os se não se referem a um profissional concebido como alguém que só forma professores, escreve e publica prioritariamente para outros especialistas, e que, de alguma forma, despreza espaços diversos de formação e variados modos de acesso ao conhecimento bastante vigentes e influentes na cultura histórica, mesmo que, bem ou mal, produzidos e transmitidos por formas de história não-acadêmica. Essas e muitas outras questões pertinentes não explicitadas aqui terão abrigo nesse ST.

Referências:

BANN, Stephen. *As invenções da História*. Ensaios sobre a representação do passado. SP: Ed.UNESP, 1994.

CARDOSO, Oldimar. *A Didática da História e o slogan da formação de cidadãos*. 250 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CERRI, Luis Fernando. O que é consciência histórica? In: *Ensino de História e Consciência Histórica*. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. RJ: Ed. FGV, 2011. P.19-56.

DE CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. RJ: Forense Universitária, 1982. p.45-111.

GRINBERG, Keyla. Historiadores pra quê? Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/em-tempo/historiadores-pra-que>.

LE GOFF; LE ROY LADURIE; DUBY et.all. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977.

NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. *Genèses 1*, sept.1990, p.58-85. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/genes_1155-3219_1990_num_1_1_1014.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. Cultura da memória e guinda subjetiva. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

RÜSEN, Jörn. Qué es la cultura histórica? Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Original em: Füssmann, K; Grütter, H.T; Rüsen, J. (Eds.) *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. 1994, p.3-26. Tradução: F. Sanchés Costa e Ib Schumacher.

**

ST 26

Pesquisas de Iniciação Científica

Coordenação: Diretoria da Anpuh/PR, Coordenação Local e Comissão Científica.

Ementa: Apresentação de pesquisas de Iniciação Científica, desenvolvidas por alunos de graduação.

Justificativa: A Anpuh/PR está proporcionando um espaço para apresentação oral das pesquisas de Iniciação Científica. Neste ST só serão aceitas pesquisas apresentadas por alunos de Iniciação Científica, nas diversas modalidades: IC-EM, PIC, PIBIC, etc. Esta é uma forma de integrar os alunos de graduação nas atividades da programação

científica da Associação Nacional dos Historiadores, possibilitando um melhor intercâmbio entre estudantes e profissionais.

Referências:

MORAES, Flávio Fava; FAVA, Marcelo. A Iniciação Científica: muitas vantagens, poucos riscos. *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, v. 14, n. 1, 2000.

OLIVEIRA, Lindamir Cardoso Vieira. *Iniciação à pesquisa no ensino superior: o novo e o velho espírito científico nas atividades acadêmicas*. Disponível em: <http://www.multiversojuridico.com.br/liz/textos/texto%20pesquisa%20ob.PDF>. Acessado: mar. 2014.

PRIORI, Angelo. A história e ofício do historiador. In: *Introdução aos estudos históricos*. Maringá: Eduem, 2010.

**

ST 27

II Jornada Paranaense PIBID/PET de História

Coordenação: Diretoria da Anpuh/PR, Coordenação Local e Comissão Científica.

Ementa: Apresentação de trabalhos de alunos de graduação participantes de Grupos PETs e PIBIDs da área de História.

Justificativa: A Seção Estadual do Paraná da Associação Nacional de História – ANPUH/PR, com o apoio do GT DE ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO – PR e da Unespar/Campo Mourão realizará, no âmbito do XIV Encontro Regional de História, a II JORNADA PARANAENSE PIBID E PET DE HISTÓRIA.

O objetivo é contribuir para reflexão na formação inicial dos estudantes e continuada dos professores, a respeito das implicações teóricas e metodológicas do ensino e do aprendizado histórico promovendo a integração entre diferentes projetos de PIBID e PET de universidades paranaenses.

Neste ST, só poderão apresentar trabalhos os Pibidianos da área de História, Pibidianos da área de Pedagogia, ou outra área, com subprojetos voltados para o ensino e aprendizado histórico.

Referências:

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica:** implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2011.

PRIORI, Angelo; BRUNELO, Leandro; PAIXÃO, Letícia. História, ensino e aprendizagem: a experiência do Pibid de História da Universidade Estadual de Maringá. **Diálogos**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 319-329, dez. 2012.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. Pensamento dos jovens em comunidades virtuais sobre História e seu ensino. In: CAINELI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.) **Educação histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Inijuí, 2011. p. 293-313.